



**FORMAÇÃO DE NOVOS FACILITADORES
PARA O INTERCÂMBIO JAPÃO-BRASIL**

Bambu

a revitalização de uma comunidade

1ª EDIÇÃO

14/2/2020 a 19/2/2020

FORMAÇÃO DE NOVOS FACILITADORES PARA O INTERCÂMBIO JAPÃO-BRASIL

- Bambu: a revitalização de uma comunidade -

— 1ª EDIÇÃO —

14/2/2020 a 19/2/2020



Produção: Fundação Japão em São Paulo

Diretor Geral: Masaru Susaki

Diretor Adjunto: Yuki Yama

Projeto Editorial (Design / Diagramação): Ronni Massashi Guiotoko

Produção de materiais para divulgação: Amy Maitland

Fotografia: André Sanchez

Produção dos textos: Ellen Sayuri Okido Matsumoto / Ronni Massashi Guiotoko

Revisão dos textos: Grace Nakata

Ano: 2020



O Japão e o Brasil têm uma longa e rica história de intercâmbio, e espera-se que a compreensão mútua e a amizade se aprofundem nesse complexo ambiente internacional do século XXI. Certamente, quem tem as chaves do futuro para desempenhar esse papel principal são os jovens de ambos países.

A Fundação Japão em São Paulo, em parceria com a UNESP e com o apoio do SESC, realizou o projeto “Formação de Novos Facilitadores para o Intercâmbio Japão-Brasil”, no qual jovens dos dois países conversaram sobre “desenvolvimento local utilizando o bambu” com especialistas, discutiram sobre soluções e as colocaram em prática a partir das artes. Acreditamos que os jovens participantes colaboraram entre si, superando as fronteiras culturais, promovendo os laços da amizade e o intercâmbio entre os dois países, como facilitadores.

Registramos este documento para mostrar a todos como foi o debate e o que foi executado por esses jovens durante o projeto. A Fundação Japão em São Paulo pretende dar continuidade ao projeto. Gostaríamos, portanto, de ouvir a opinião e ter o apoio de todos.

Diretor Geral da Fundação Japão em São Paulo

Masaru Susaki



SUMÁRIO

Introdução.....	02
Programação.....	04
Créditos.....	06
Visitas Técnicas.....	09
Palestras.....	13
Roda de Conversa.....	25
Workshop.....	37
Palestra: Diversidade da Utilização de Bambu.....	43
Depoimento dos Novos Facilitadores.....	45
Resultado	59





Introdução

FORMAÇÃO DE NOVOS FACILITADORES PARA O INTERCÂMBIO JAPÃO-BRASIL

Bambu: a revitalização de uma comunidade

O projeto é uma iniciativa para formação de novos facilitadores que serão a ponte entre o Japão e o Brasil, abordando questões comuns entre ambos. Para essa primeira edição de Bambu: a revitalização de uma comunidade, trabalhou-se com o tema sustentabilidade e design social, para a conscientização sobre a importância da preservação do meio ambiente e da revitalização das comunidades locais. Assim, foi feita uma parceria com o Projeto Bambu/UNESP, que já vem desenvolvendo um trabalho com um grupo de artesãos do Assentamento Horto Aimorés, a Associação Agroecológica Viverde. O processo de capacitação desse grupo de artesãos na cadeia produtiva do bambu e na confecção de produtos e construções já vem sendo realizado por anos,

porém, ainda há problemas no sistema empregado, o que impede que se tornem totalmente independentes.

Assim, foram selecionados 12 jovens de diversas áreas, das regiões de São Paulo, Sorocaba e Bauru, com a finalidade de se tornarem novos facilitadores e apresentarem novas ideias sobre a utilização do bambu, que façam o projeto da associação progredir novamente, baseando-se nas realidades dessa comunidade e na visão das suas próprias especializações.

O projeto foi dividido em parte teórica e prática. A parte teórica foi elaborada de forma que fosse construtiva aos 12 jovens facilitadores, para que primeiramente os participantes conhecessem a realidade do projeto desenvolvido com a comuni-

dade (visita técnica), sobre o potencial do bambu em diversas áreas (mini palestras sobre a utilização do bambu), e com essas bases, realizaram discussões e apresentaram novas ideias de projetos para essa comunidade (roda de conversa).

A parte prática foi a realização de um workshop de lanternas de bambu, ministrado pelo nosso convidado do Japão, o especialista Kenshi Mishiro, da empresa CHIKAKEN, que ao final, foi realizado um Festival de Lanternas de Bambu, no qual foram expostas as peças confeccionadas durante o workshop. Como complemento, foi realizada a palestra “Diversidade da Utilização de Bambu”, ministrada pelo nosso convidado do Japão, o pesquisador em cultura de bambu, Hiroyuki Hashiguchi.

PROGRAMAÇÃO



VISITA TÉCNICA

- Laboratório de bambu
- Área Argícola
- Assentamento Horto de Aimores



MINI PALESTRAS

- Bambu e Comunidade
- Bambu e Arquitetura
- Bambu e Arte
- Bambu e Gastronomia



RODA DE CONVERSA

- Grupo Viverde
- Grupo Horto de Aimorés e Cultura do Bambu
- Grupo Proposta para Viverde
- Grupo Victus Viridis

TEÓRICA

PRÁTICA



WORKSHOP LANTERNAS DE BAMBU

- Festival de Lanternas de Bambu



PALESTRA COMPLEMENTAR

- Diversidade da Utilização de Bambu

PROGRAMAÇÃO													
	9h00	10h00	11h00	12h00	13h00	14h00	15h00	16h00	17h00	18h00	19h00	20h00	21h00
14 02												JANTAR CONVIDADOS E PARTICIPANTES	
15 02	VISITA TÉCNICA UNESP	VISITA TÉCNICA ASSENTAMENTO		ALMOÇO	INTRODUÇÃO SESC	PALESTRA BAMBU E COMUNIDADE SESC	PALESTRA BAMBU E ARQUITETURA SESC	PALESTRA BAMBU E ARTE SESC	PALESTRA BAMBU E GASTRONOMIA SESC	COMPLEMENTO SESC			
16 02	INTRODUÇÃO SESC	RODA DE CONVERSA ELABORAÇÃO DE IDEIAS E PREPARAÇÃO DE APRESENTAÇÃO SESC		ALMOÇO	RODA DE CONVERSA APRESENTAÇÃO DE IDEIAS SESC	ENCERRA MENTO SESC							
17 02	WORKSHOP CONFECCÃO - OFICINA DE MADEIRA DA FAAC			ALMOÇO		WORKSHOP CONFECCÃO - OFICINA DE MADEIRA DA FAAC							
18 02	WORKSHOP CONFECCÃO - OFICINA DE MADEIRA DA FAAC			ALMOÇO		WORKSHOP CONFECCÃO - OFICINA DE MADEIRA DA FAAC						PALESTRA DIVERSIDADE DA UTILIZAÇÃO DE BAMBU SESC	
19 02	WORKSHOP MONTAGEM - BOSQUE UNESP			ALMOÇO		WORKSHOP MONTAGEM - BOSQUE UNESP				ABERTURA DA EXPOSIÇÃO BOSQUE UNESP			

DESIGN: Amy Maitland

RODA DE CONVERSA

Realização: Fundação Japão em São Paulo / Unesp Bauru - FEB Unesp

Apoios: Sesc - Unidade Bauru e Clube Cultural Nipo Brasileiro - Bauru

Coordenação: Silvia Sasaoka

Facilitadores: Kyoko Hirano e Silvia Sasaoka

NOVOS FACILITADORES BRASIL-JAPÃO

- **Marco Antonio dos Reis Pereira** (Professor Adjunto (Livre Docente) / Faculdade de Engenharia, Câmpus Bauru - Departamento de Engenharia Mecânica)
- **Danilo Candia Barbosa** (Sócio Diretor do Bambu Carbono Zero)
- **Kenshi Mishiro** (Diretor de Takeakari e Representante da Empresa CHIKAKEN)
- **Akiko Ishizu** (Pesquisadora de Culinária / Nutricionista / Coordenadora de Alimentos / Especialização em Comidas Caseiras Brasileiras e Japonesas)

CONVIDADO ESPECIAL

- **Hiroyuki Hashiguchi** (Pesquisador da Cultura de Bambu, Escritor)

NOVOS FACILITADORES BRASIL-JAPÃO

- **Hayato Fujii** (Gerente de projeto do Brasil da Kengo Kuma & Associates)
- **Leonardo Inomata** (Advogado / diretor da JCI Brasil-Japão)
- **Murilo Furlan Mellio** (Mestrando em Língua, Literatura e Cultura Japonesa - USP)
- **Mateus Gambaro Ramos** (Prestador de serviços no SMART CAMPUS FACENS)
- **Rafaela Yumi Tanaka** (Estudante de Arquitetura e Urbanismo - USP)
- **Gabriel Fernandes dos Santos** (Doutorando em Design na linha de pesquisa Planejamento de Produto - Unesp)
- **Eduardo Miguel** (Engenheiro Projetista)
- **João Victor Gomes dos Santos** (Designer/Doutorando em Ergonomia PPGD Unesp)
- **Laura Camargo Ribeiro da Silva** (Designer/Fotógrafa)
- **Anderson Augusto Fabri** (Estudante do curso de Arquitetura e membro da Associação Comunitário Angico do Cerrado)
- **Cibele Mion** (Animadora Cultural do SESC)
- **Amy Maitland** (Designer)

WORKSHOP DE LANTERNAS DE BAMBU

Realização: Fundação Japão em São Paulo / Unesp Bauru - FEB Unesp

Apoios: Laboratório Didático de Materiais e Protótipos - LDMP, Faac Unesp Bauru, Clube Cultural Nipo Brasileiro - Bauru

Elaboração do projeto: Silvia Sasaoka

Coordenação do workshop: Kenshi Mishiro

Assistente de coordenação: Hiroyuki Hashiguchi

Equipe técnico de apoio do Projeto Bambu: Gabriel Fernandes dos Santos, João Victor Gomes dos Santos, Rafael M. Sette, Túlio Sacchi dos Santos e Laura Camargo Ribeiro da Silva

PALESTRA: DIVERSIDADE DA UTILIZAÇÃO DE BAMBU

Realização: Fundação Japão em São Paulo

Apoio: SESC - Unidade Bauru

Palestrante: Hiroyuki Hashiguchi

AGRADECIMENTOS

Prof. Luttgard de Oliveira Neto, Prof. Marco Antonio dos Reis Pereira, Prof. Tomás Barata, Sérgio Ishikawa, Shozo Nakamine, Kyoko Hirano, Kiyomi Ishikawa, Etsu Munhoz e Associação Agroecológica Viverde.





VISITAS TÉCNICAS

*Dia 15 de Fevereiro de 2020
UNESP - Campus de Bauru / Assentamento
Horto de Aimorés*

No período da manhã do dia 15/02, foram realizadas visitas técnicas. Iniciando com visita ao Laboratório de Processamento do Bambu, ao Projeto Taquara e a Área Agrícola da UNESP - Campus de Bauru e, por fim, ao galpão da Associação Agroecológica Viverde, no Assentamento Horto de Aimorés.



UNESP - CAMPUS DE BAURU LABORATÓRIO DE PROCESSAMENTO DE MADEIRA E DO BAMBU

A visita ao laboratório foi guiada pelo prof. Dr. Marco Antônio dos Reis Pereira, orientador do Projeto Bambu e do projeto de extensão Projeto Taquara. Ele explicou que há 30 anos, iniciou a cadeia produtiva da cultura com o plantio e introdução de bambus na Unesp de Bauru. Foram feitas pesquisas sobre as espécies prioritárias recomendadas pelo INBAR para introdução, pesquisa e uso comercial cotidiano no Brasil. Existem cerca de 1.300 espécies de bambu espalhadas pelo mundo, e em Bauru foram plantadas cerca de 35, sendo a maioria exóticas provenientes de países asiáticos e uma da Colômbia.

Até então, a Unesp não possuía plantações de bambus, por isso o desenvolvimento do projeto foi acompanhado de perto. O

professor explicou que Bauru está cercada pelo Cerrado, com solo relativamente pobre em nutrientes, com chuvas anuais em torno de 1300 mm e temperatura média anual por volta dos 23°C, as quais são boas condições para as espécies tropicais/entouceirantes. Devido ao alto risco de invasão a outros lugares, não foram plantadas espécies alastrantes.

O projeto de extensão, Projeto Taquara, permite que os alunos desenvolvam produtos com o bambu. No laboratório experimental são feitos protótipos sem fins comerciais; são realizados ainda testes no bambu, como o de resistência, pois ainda hoje são escassos os estudos na área, havendo algumas disciplinas apenas no âmbito da pós-graduação.



O projeto tem o objetivo de divulgar os usos do bambu em diferentes comunidades, como por exemplo, em escolas, comunidades carentes, associações, assentamentos, etc. A Associação Agroecológica Viverde, do Assentamento Rural Horto de Aimorés, faz parte do projeto de Extensão desenvolvido pelo Projeto Bambu da Unesp como forma de difundir os conhecimentos. Hoje, a associação Viverde caminha de forma independente. Infelizmente, muitas famílias ainda não aderiram ao projeto, e como integrá-las é agora um dos grandes desafios. Um outro obstáculo é o de como comercializar os produtos.

O prof. Marco Pereira acrescentou que o Projeto Taquara, desenvolvido com alunos, tem sido divulgado em congressos, feiras, encontros, escolas e comunidade. Em 2008 foi publicado um livro de sua autoria chamado “Bambu de corpo e alma” como forma de atuar na divulgação dos estudos e da cultura. Com 30 anos de trabalho com o bambu, o professor contou também que possui uma casa toda em bambu, construída há 25 anos, e que continua intacta até hoje. Existem várias técnicas e possibilidades de como trabalhar com o material, complementa Pereira.

Em seguida, todos foram para o laboratório onde ficam as máquinas e equipamentos para processamento do bambu e confecção de protótipos. A maioria é formada de maquinários de marcenaria e alguns equipamentos específicos para o bambu. Foram apresentadas placas e chapas de bambu, as quais são confeccionadas com resina de mamona (cerca de 5%). Foi explicado também que o tratamento das ripas é feito com o produto octoborato por ser eficiente para proteção contra insetos xilófagos e pouco agressivo para o meio ambiente.

UNESP - CAMPUS DE BAURU ÁREA AGRÍCOLA

A visita à área agrícola (Área Experimental Agrícola do Departamento de Engenharia Mecânica da Unesp/Bauru) começou com o doutorando e designer de produtos, Gabriel Fernandes dos Santos explicando como foi concebida e construída a casa experimental de bambu no local em 2018. Essa construção foi resultado do seu trabalho de mestrado, finalizado em 2017 e financiado pela Fapesp. Buscou-se ter o máximo de eficiência e menor desperdício, foi pensado para comunidades vulneráveis, tanto urbanas quanto ru-

rais, como por exemplo o assentamento que foi visitado em seguida.

O projeto de baixo custo foi realizado em conjunto com o arquiteto Manoel Rodrigues, desde a sua concepção até a sua materialização. Foram produzidos 5 tipos de painéis modulares, tendo a construção consumido ao todo 14 painéis. Os grandes desafios a serem solucionados foram os efeitos prejudiciais dos raios UV e os da umidade do ar no bambu, complementou Gabriel.

Após a explicação da construção, todos foram convidados a conhecer uma

moita de bambu da espécie *Dendrocalamus asper*, conhecido também como bambu gigante ou bambu balde. O professor Marco Pereira explicou que as letras marcadas nos colmos dos bambus indicam a idade de cada um deles, para fins de colheita de colmos maduros. O plantio tem 20 anos de manejo e os bambus para o workshop de lanternas foram colhidos dessa plantação. Foi dito também que um dos maiores erros cometidos na colheita é o de se escolher os colmos mais vistosos, porque no geral essas são ainda plantas jovens e, portanto, possuem pouca resistência mecânica.

Com 8 anos após o plantio, a moita de bambu atinge sua fase adulta, sendo a partir daí explorado comercialmente. Para fins de manejo e colheita os colmos são divididos em quatro gerações: bisavó, avó, mãe e filha. Existem várias técnicas de manejo e a utilizada nesse plantio é a retirada apenas da bisavó, que não produz mais brotos e possui uma alta resistência mecânica. Raramente dão flores, mas há dois anos, uma das espécies existentes teve floração e produção de muitas sementes



ASSENTAMENTO HORTO DE AIMORES

ASSOCIAÇÃO AGROECOLÓGICA VIVERDE

Os participantes foram recebidos pelo Presidente da Associação Agroecológica Viverde, o sr. José Maria Rodrigues, que explicou o funcionamento do local. Inicialmente, o assentamento trabalhava apenas com produtos orgânicos, por isso precisavam pensar em algum tipo de caixa de transporte dos produtos e viram no bambu uma ótima possibilidade. Além das caixas, foram apresentadas outras maneiras e vantagens do uso do bambu para os moradores.

Um galpão em bambu foi projetado e construído com o trabalho voluntário dos professores, alunos da Unesp, e a própria comunidade, como forma de abrigar o processo de transferência (extensão) do projeto bambu da Unesp para dentro da comunidade do assentamento. Foram plantadas inicialmente, cerca de 150 espécies localmente para a produção de colmos



(matéria prima). A participação em editais e projetos, auxiliou, assim como a universidade na aquisição de maquinários e equipamentos. A inauguração ocorreu em 2011, e todo o processo de produção das peças, objetos e estruturas de bambu é feito no próprio assentamento, desde o plantio até o produto final e toda matéria-prima que é aproveitada no processo. Logo conseguiram um contrato temporário de venda de talheres feitos de bambu para a rede Pão de Açúcar, que muito auxiliou o início deste processo de desenvolvimento local.

Hoje, dentre as inúmeras dificuldades encontradas pelo assentamento, a falta de verba e a baixa adesão das famílias ao pro-



jeto são os dois principais desafios. Para atrair a atenção do público, são promovidos cursos para a divulgação do potencial comercial e artístico do bambu, que infelizmente ainda é muito desvalorizado. Além disso, o assentamento é dividido geograficamente pelo Rio Bauru, que por não possuir ponte, dificulta a comunicação com os assentados. No assentamento, existe uma cooperativa que comercializa produtos para a merenda escolar, cuja demanda tem aumentado significativamente. Outra preocupação crescente, é a falta de matéria-prima, pois existem cerca de 150 a 200 touceiras de bambu, que embora pareça muito, pode não ser suficiente

para a continuidade do projeto, necessitando assim aumentar o plantio local.

Apesar dos obstáculos, a Viverde tem conseguido fazer parcerias com outras instituições, como o Sesc, a Incubadora de Cooperativas da Unesp, entre outros. A divulgação do bambu é feita por meio de produtos e serviços, como objetos, produtos diversos além de pequenas estruturas, coberturas e cercas. Toda matéria prima usada é tratada por imersão ou por pressão (método Boucherie), para retirar o amido e colocar a solução de octaborato com o objetivo de evitar ataques de pragas, como a broca, que se alimenta do amido. O bambu passa ainda por um processo de secagem, e para a confecção de talheres, é usado ainda o óleo de linhaça.

Em seguida, explanou-se um pouco mais sobre o histórico do assentamento, que teve início em 2003 com a ocupação da fazenda. A maioria das famílias vem de regiões longínquas, não sendo, portanto, da região de Bauru. Em 2007, o governo federal adquiriu o terreno por 18 milhões de reais e o distribuiu entre as famílias. A sua venda é proibida, e sua propriedade passa de geração a geração. Atualmente, os assentados não possuem benefícios sociais e a maioria trabalha na zona urbana.

O terreno arenoso e pobre em matéria orgânica do assentamento, que no início tinha apenas plantação de eucaliptos, era propício para o plantio de bambu. Assim, a Unesp disponibilizou as mudas e o professor Marco Pereira orientou os moradores sobre o manejo correto do bambu. Em comparação com o eucalipto, o bambu certamente cresce mais rápido, produz colmos anualmente sem a necessidade de replantio, cresce rapidamente sendo um ótimo sequestrador de carbono atmosférico.



PALESTRAS

*Dia 15 de fevereiro de 2020
SESC - Unidade Bauru*

No período da tarde do dia 15/02, foram realizadas quatro palestras: “Bambu e Comunidade”, “Bambu e Arquitetura”, “Bambu e Arte” e “Bambu e Gastronomia.”

BAMBU COMUNIDADE

MARCO ANTONIO DOS REIS PEREIRA

PROFESSOR ADJUNTO (LIVRE DOCENTE)
FACULDADE DE ENGENHARIA, CÂMPUS DE BAURU
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA MECÂNICA



A palestra foi ministrada pelo Prof. Dr. Marco Antonio dos Reis Pereira, professor adjunto (livre docente) da UNESP - Campus Bauru, do Departamento de Engenharia Mecânica, e orientador do Projeto Bambu. Graduado pela Unicamp como engenheiro agrícola, possui mestrado, doutorado e especialização sobre usos e manejos do bambu, e publicou o livro “Bambu de corpo e alma”.

Segundo o professor Pereira, apesar do bambu ser um material que possui excelentes características biológicas, físicas, químicas e mecânicas, além de ser barato e auto

renovável, ainda é pouco pesquisado e utilizado no Brasil, devido principalmente ao desconhecimento de seu enorme potencial.

O Projeto Bambu, cujo objetivo é o de pesquisar e divulgar a cultura do bambu, foi criado pelo próprio professor Pereira, em 1990. O desenvolvimento do projeto é dividido em 6 etapas: 1. Introdução e Plantio de Espécies; 2. Manejo e Produção de Colmos; 3. Caracterização Físico - Mecânica - Hidráulica; 4. Processamento - Chapas e BLaC; 5. Produtos Artesanais, Processados e Estruturas Leves; e 6. Atividades de Formação, Divulgação e Extensão/Comunidade.

As espécies plantadas seguem recomendação da Rede Internacional de Bambu e Rattan (Inbar). É necessário o manejo correto para que o plantio vigore e haja sua utilização comercial, por isso foi feito o estudo de crescimento e adaptação das espécies, medindo-se a altura, o diâmetro da planta e sua produção anual de colmos. Já houve incêndio na plantação, na qual devido ao manejo, apenas as folhas caídas/serapilheira foram atingidas, o bambu em si não foi afetado. A plantação é composta por 34 espécies de interesse, sendo uma espécie colombiana, uma brasileira, e a maioria é de origem asiática, que no entanto se adaptaram plenamente as nossas condições.

O primeiro projeto realizado em 1992 foi

a utilização de colmos de bambu da espécie *Dendrocalamus asper* (bambu gigante) como condutor de água para um sistema de irrigação convencional por aspersão de pequeno porte, com custo reduzido para poder se utilizado pela agricultura familiar. O projeto foi muito bem sucedido, incluindo as excelentes características físicas e hidráulicas obtidas e observadas. Este projeto foi mostrado no programa Globo Rural no ano de 1995.

Para confecção dos objetos, produtos e estruturas leves, os bambus são colhidos de forma sustentável, de modo que apenas os colmos maduros são utilizados, deixando os colmos mais novos na moita. Assim que são colhidos, inicia-se o seu processamento, eles são cortados em tamanhos adequados e tratados de acordo com cada projeto, por substituição de seiva (método *boucherie*) e/ou por imersão em sais de boro (Octaborato). Com os colmos de bambus tratados e secos, eles já podem ser utilizados para confecção de produtos.

No caso da confecção do BLaC (Bambu Laminado Colado), os bambus passam por maquinários para serem cortados e transformados em ripas. Depois, as lâminas são coladas e prensadas de acordo com a necessidade dos projetos; para peças curvadas são utilizados moldes específicos para aquecer e curvar as peças de BLaC. A de-

terminação das características mecânicas/resistência dos colmos é baseada em normas e ensaios feitos com madeira, devido à falta de estudos específicos para ensaios com bambu.

Em seguida, foi apresentado o premiado Projeto Taquara, que é um projeto de extensão responsável pela introdução do Projeto Bambu no assentamento rural Horto de Aimorés, pela formação de alunos e pela divulgação da cultura para a comunidade. Pelo projeto Taquara já passaram cerca de 150 alunos das mais diversas áreas como Design, Engenharia, Arquitetura e Biologia entre outros. No caso do assentamento rural, foram inicialmente capacitadas 20 famílias, que se tornaram os capacitadores locais, foi criada ainda uma Associação Agroecológica Viverde para conduzir este processo. A associação tem gerado renda e prestado serviços para a comunidade, incluindo a própria Unesp que já os contratou para fazerem quiosques do campus.

Durante a palestra, o doutorando Gabriel Fernandes dos Santos apresentou com mais detalhes o seu projeto de mestrado que foi a construção de uma casa feita de bambu e que havia sido apresentada inicialmente na visita técnica à área agrícola da UNESP. Relatou também as dificuldades da comunidade, como a baixa adesão das famílias da Associação Viverde.



PERFIL

Atualmente é professor adjunto e livre docente em Design e Construção com Bambu na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp campus de Bauru -S.P.). Docente do curso de Engenharia Mecânica, ministra aulas nas disciplinas Mecânica dos Fluídos, Laboratório de Fenômenos de Transporte, Laboratório de Mecânica dos Fluídos e Engenharia de Irrigação desde o ano de 1988 no curso de Engenharia Mecânica. Docente na Pós-Graduação do curso de Design da FAAC/ Bauru onde orienta e ministra a disciplina Design e Construção com Bambu.

Desenvolve pesquisas sobre a cultura do bambu, envolvendo as áreas de plantio de espécies prioritárias, manejo e produção de colmos, viveiro de mudas, irrigação com tubos de bambu, processamento de colmos, caracterização hidráulica e físico-mecânica de espécies, tratamento e desenvolvimento de produtos a base de bambu laminado colado (BLC), construção e estruturas leves. Atua na formação e orientação de alunos de graduação e pós-graduação. Atua também em projetos de extensão com comunidades agrícolas rurais utilizando a cultura do bambu, para capacitação, fixação ao campo e geração de renda.



Danilo Candia, que ministrou a palestra “Bambu e Arquitetura”, trabalha com bambu desde 2000 e abriu a empresa Bambu Carbono Zero, em 2007. Ele ressaltou o potencial do bambu para a construção civil, podendo substituir muitos materiais como aço, fibra de vidro, fibra de carbono e madeiras de lei. É portanto um elemento construtivo.

Danilo apresentou projetos de vários arquitetos que o inspiram. Começou por Simón Vélez, que foi o primeiro arquiteto que pode-se dizer que elevou a engenharia de uso do bambu para outro patamar, misturando o bambu com concreto, inicialmente na construção de um cocho de boi. Depois em diversas obras pelo mundo. Mostrou Nomadic Museum, um museu itinerante com 5.000 metros quadrados, que é considerado a maior estrutura de bambu já construída.

Em seguida, destacou o trabalho do arquiteto vietnamita Vo Trong, que realiza construções de bambu com curvas, desenvolvendo tecnologias com amarrações. Sua obra apresentada foi um Coffe Shop no Vietnã que possui estruturas em espiral que vão do teto ao piso. Roc Von Restaurant e Eco Resort Pavillion também foram apresentadas.

John e Cynthia Hardy foram responsáveis pela construção da Green School em Bali, cujo principal material utilizado foi o bambu, e é praticamente 100% sustentável. Por último, apresentou o arquiteto Mauricio Cardenas La-verde que fez o “Bamboo Eye”, construção de arco com varas de bambu para a monumental sede do INBAR, Instituto referência mundial para o bambu com sede em 43 países. .

Danilo falou ainda um pouco mais sobre a empresa Bambu Carbono Zero, cuja produção

é flexível se adaptando ao desejo do público. Possui vários produtos focados em estruturas e revestimentos, esteira trançada, vara roliça, régua aparelhada. A empresa deseja divulgar os aspectos positivos do bambu, mostrando suas várias possibilidades de uso.

Ele abordou ainda sobre uma comunidade isolada de Cunha-SP, onde esteiras de bambu se transformaram em renda para as famílias. Foi exibido um vídeo de relatos de uma mãe e filha sobre a manufatura do produto, mostrando que o bambu cumpre com o lado comercial se estiver focado no mercado

Ao final da palestra, chegou-se a conclusão de que o uso do bambu ainda possui muitos desafios, devido sobretudo a falta de pesquisas na área, que acarretam na ausência de financiamentos governamentais e também a escassa legislação sobre o seu uso.



PERFIL

Engenheiro Agrônomo formado em 1987 pela UNESP-Botucatu.

Iniciou trabalhos de bambu com a comunidade de Cunha em 1992 que atualmente supera 50.000 unidades de esteiras/ano com um faturamento de R\$800.000,00/ano .

Trabalhou junto ao Arquiteto colombiano Simon Velez em 1998 em obras estruturais em Angra dos Reis, fornecendo bambu e acompanhando suas obras Especialização em Bambu em 2007 pela Universidade Tecnológica de Pereira -UTP- Colombia.

Fundou a BCZ-Bambu Carbono Zero em 2007, empresa especializada em construções com bambu (estruturas e revestimentos).

BAMBU ARTE

KENSHI MISHIRO

DIRETOR DE TAKEAKARI E REPRESENTANTE DA
EMPRESA CHIKAKEN

A palestra foi ministrada por Kenshi Mishiro, um dos fundadores da empresa CHIKAKEN, especializada em takeakari, lanternas de bambu. Trouxe uma versão menor de lanterna para mostrar a todos presentes. É formado em arquitetura pela Universidade de Sojo, onde começou a refletir sobre como envolver a população regional no planejamento urbano, utilizando como instrumento os festivais.

O interior do Japão sofre com o problema do êxodo dos jovens, que migram para as cidades grandes, correndo-se o risco das comunidades desaparecerem. A falta de orçamento limita as ações em prol da manutenção das comunidades, portanto os projetos são sempre adaptados de acordo com o orçamento e as limitações.

Os festivais atraem turistas, têm apelo visual e mobiliza a comunidade, fazendo com que ela fique mais unida, mas é necessário manter uma periodicidade de realização para que funcione adequadamente.

Na faculdade, adotar uma postura ativa para ajudar a comunidade tornou-se um pensamento comum entre os estudantes. Nesse contexto, a empresa CHIKAKEN teve início como um trabalho voluntário e mais tarde se tornou o que ela é, apesar dos inúmeros obstáculos enfrentados. Embora as lanternas de bambu em si sejam um símbolo amplamente divulgado, e são utilizadas como decoração, por exemplo,

no famoso Parque da Disney em Tóquio e em animações japonesas como 'Sazae-san', a sua produção ainda não é um negócio tão rentável.

Contudo, a CHIKAKEN realiza eventos e workshops em vários lugares do Japão, pois para ela a intenção da lanterna é a de emocionar e impressionar as pessoas, buscando fazer com que a sua cultura se espalhe e una a comunidade, elevando assim o seu valor social.

Foram mostrados alguns projetos já realizados em locais públicos e privados, demonstrando a multiplicidade de usos das lanternas. Kenshi forneceu mais detalhes sobre como são os festivais, a sua necessidade de periodicidade como base de união dos habitantes da comunidade, com o intuito de melhorar a cidade, que ao atizar a curiosidade das pessoas, ela traz profundidade a arte.

Alguns questionamentos também fazem parte do processo: Como criar um cenário único? Eles mudam. As pessoas devem ver as lanternas como parte da cidade. Como foram criadas? Por que vão acender? Como? Quem? Também são perguntas essenciais. A maneira na qual os moradores veem a cidade pode mudar, fazendo com que reconheçam o seu valor.

Atualmente, procura-se manter o diálogo com os líderes das comunidades em busca de novos atrativos para serem acres-

centados todos os anos aos festivais, sempre inovando para manter a curiosidade e participação do público acesas. Procura-se também a valorização de alguma peculiaridade da cidade, que muitas vezes pode passar despercebida para quem convive diariamente nela. O simples ato de abrir furos no bambu traz inúmeras possibilidades e está ao alcance de todos.

Kenshi falou sobre um jantar com o Primeiro Ministro do Japão, num ambiente com decoração feita com lanternas de bambu. Na ocasião, houve a produção das lanternas com as primeiras-damas, para demonstrar a importância da sua na compreensão do processo de uso das lanternas como agentes sócio-culturais.

Ele demonstrou ainda que também é possível usar o projeto em escolas. Dentre vários exemplos, demonstrou que pequenas obras podem formar uma identidade visual.

As lanternas de bambu não ficaram restritas ao Japão. Kenshi realizou workshops nas Filipinas, na China e no ano seguinte, o projeto foi replicado localmente. O Japão ainda pode contribuir com outros países na parte de design, que tem muito a ser aprimorado. Apesar das replicações internacionais, Kenshi não as considera como cópia, pelo contrário, ressalta que existe uma interpretação local da arte.

A CHIKAKEN possui 3 pilares: expan-



dir a cultura japonesa, expandir ambientes sustentáveis e expandir o círculo de relações entre as pessoas. Ela pretende espalhar pelo mundo sua filosofia, levando a cultura das lanternas de bambu para vários cantos do mundo.

Foram feitas algumas perguntas para o palestrante:

Como é a mobilização da comunidade, há relatos depois do Workshop?

Dependendo de quem participa, o ponto de partida muda. As pessoas percebem que é difícil fazerem por conta própria e se dividindo fica mais fácil. Por ser necessário dinheiro, os workshops são cobrados, mas também são indicados vídeos com tutoriais. O workshop e o turismo estão ligados, então o foco pode ser a criação de laços entre pessoas.

Qual é o fim das lanternas?

Dependendo do festival, as pessoas usam como carvão, adubo (triturado) ou biomassa.

O desenho possui referência?

O primeiro passo é usar designs antigos, que sejam sentidos, as pessoas precisam se reconhecer neles e a maioria é projeto coletivo.

Quantos funcionários tem e qual é o carro chefe?

Festivais geram 70% dos lucros e workshops geram 30%. Possui 7 funcionários, a periodicidade dos eventos influencia na estabilidade financeira.

O que acontece se chover nos festivais?

A organização é avisada sobre o risco de mofo nas peças. As cidades e regiões querem mostrar o seu melhor, então pode acontecer adaptações.



PERFIL

Nasceu em 1982, na cidade de Aso na província de Kumamoto. Com base no “Desenvolvimento da cidade com Festivais”, com os estudos realizados no laboratório Keiichi Uchimaru, da Universidade de Sojo (Kumamoto), fundou, junto com o Chika Ikeda (CHIKA), a CHIKAKEN, uma produtora de “Takeakari” (Festival de Lanternas de Bambu). Situada em Kumamoto, realiza Festivais de Lanternas de Bambu por todo Japão, criando paisagens e histórias únicas do local.

O seu objetivo é o de conectar “as pessoas com pessoas, as pessoas com a cidade e as pessoas com a natureza” por meio de festivais, não como algo temporário, mas como uma nova cultura japonesa que vai ser transmitida por gerações.

Na 42ª reunião de cúpula do G7 (Ise-Shima Summit), realizada em maio de 2017, fez a direção do local do jantar dos cônjuges; e em outubro de 2018, produziu o primeiro Festival de Lanternas de Bambu, “Kaitake Matsuri”, na China.

BAMBU

GASTRONOMIA

AKIKO ISHIZU

PESQUISADORA DE CULINÁRIA / NUTRICIONISTA /

COORDENADORA DE ALIMENTOS

ESPECIALIAÇÃO: COMIDAS CASEIRAS BRASILEIRAS E JAPONESAS

Para finalizar, foi ministrada a palestra “Bambu e Gastronomia”, por Akiko Ishizu, que trabalhava com programas televisivos e revistas japonesas relacionadas à gastronomia e também ministrava aulas de culinária, e veio para o Brasil acompanhando seu marido, que começou a trabalhar aqui. Atualmente, realiza projetos que ensinam sobre a culinária japonesa para os descendentes de japoneses.

Um dos primeiros registros de consumo do broto de bambu no Japão foi feito no livro “Kojiki”, o registro escrito mais antigo do Japão, portanto, pode-se dizer que há mais de 1.300 anos já se consumia os brotos de bambu no Japão. As principais espécies consumidas pelos japoneses são o mossô, madake e hachiku e é vendido fresco nas épocas de colheita, entre março e maio, sendo um marcador do início da primavera. Fora de época, é encontrado em supermercados já fervido e conservado em pacotes. Os principais pratos caseiros consumidos são com a alga wakame (wakatakeni) ou com arroz (takenokogohan).

No Brasil, não é um ingrediente comum na culinária, sendo difícil de ser encontrado em supermercados. Segundo os mercados especializados em produtos japoneses de São Paulo, o broto de bambu fresco é colocado nas prateleiras entre dezembro e fevereiro, e são de variadas espécies.

O segredo para preparar para o consu-

mo os brotos de bambu frescos é realizar o cozimento assim que são colhidos. Cozinha-se com a água da lavagem de arroz por 1 hora ou até amolecer, depois desliga-se o fogo e deixe resfriar naturalmente, assim, consegue-se tirar o amargor. É mais comuns cortar a parte superior do broto seguindo as fibras na vertical e a base em rodelas por ser mais dura.

Preparar os pratos junto com legumes da família dos lírios, como aspargo e alho, e da mesma família das gramíneas como arroz e trigo, são consideradas as melhores combinações de ingredientes. Além disso, combinado com alimentos ricos em

cálcio, faz com que o corpo reduza a absorção do ácido oxálico que sai do broto de bambu.

O sabor predominante é o umami e sua textura lembra o palmito, preparada adequadamente como conserva, pode durar por 1 ano, por isso tem potencial de venda como substituto do palmito.

Para promover o consumo no Brasil, pensou-se em fazer uma tenda de bambu em festivais como o Festival do Japão, para servir amostras com talheres de bambu, vender brotos em conserva e divulgar para as pessoas que não tem muita familiaridade com o produto em mídias

sociais e YouTube. Pensar em lojas especializadas com aulas de preparo e, quem sabe, organizar um festival de consumo, por exemplo aqui em Bauru, também são possibilidades. Um programa culinário no qual possam participar desde crianças até adultos também é uma boa opção.

O bambu tem efeitos antibacterianos e desodorizantes, além de ser leve e fácil de processar. No Japão são utilizados em diversos utensílios, como bandejas, esteira para enrolar sushi, chasen ou materiais para cerimônia do chá, e utensílios de cozinha. O couro de bambu pode ser utilizado para embalar onigui, e no nagashi soumen, o macarrão passa escorregando pelo bambu.

No mundo vemos movimentos para proibir o uso de canudos de plástico. Diversos materiais foram indicados para substituí-lo, entre elas, uma das opções é o canudo descartável de bambu que pode ser uma das melhores alternativas por ser sustentável e higiênico.

Por fim, foi sugerido iniciar a utilização de utensílios e talheres biodegradáveis de bambu em festivais e eventos, em substituição aos copos e talheres descartáveis de plástico, cujo uso será proibido em São Paulo, a partir de 2021. Assim, o bambu transformaria-se em mais uma ferramenta para solucionar os problemas de sustentabilidade de nossa sociedade.





PERFIL

Assim que se graduou no curso de Nutrição na Doshisha Women's College of Liberal Arts(Kyoto, Japão), começou a trabalhar para uma grande empresa de alimentos, Kewpie Corp. até se casar e se mudar para o Brasil. Retornando ao Japão, trabalhou por muitos anos como assistente-chefe do pesquisador de culinária Ryuta Kijima, obtendo experiências vários campos como Tv, livros, revistas e outras mídias, além de aulas de culinárias e eventos. E também, oferece sua própria aula de culinária.

Atualmente, está no Brasil pela segunda vez, e estuda ativamente a culinária brasileira em escolas de culinárias locais, em lares brasileiros e nikkeis. Realiza pesquisas sobre a cultura, culinária e ingredientes brasileiros através de livros e artigos, e degustações.

Realiza regularmente eventos e aulas que ensinam a culinária caseira japonesa, utilizando ingredientes encontrados no Brasil para comunidade nikkey e brasileiros.

Além disso, realiza no Japão eventos que apresentam os pratos brasileiros que são servidos no dia a dia, adaptando para o paladar dos japoneses. Dessa forma, consegue expandir os conhecimentos sobre a cultura alimentar brasileira e os valores nutricionais dos alimentos.

O diretor geral da Fundação Japão em São Paulo, Masaru Susaki, encerrou as atividades dizendo que foi um dia para absorver informações, e que se emocionou com a produtividade de um único dia, em grande parte resultado da dedicação do professor Pereira. Lembrou que as discussões ocorreriam no dia seguinte e destacou a importância da participação de todos, e que as opiniões seriam apresentadas no período da tarde. Ressaltou ainda a sua grande expectativa pela possibilidade de geração de muitas ideias.



EXTRAS

Nesse dia, foi servido um prato com brotos de bambu preparado voluntariamente pelo senhor Shozo Nakamine, vice presidente do Clube Cultural Nipo Brasileiro - Bauru.







RODA DE CONVERSA

*Dia 16 de fevereiro de 2020
SESC - Unidade Bauru*

No dia 16/02, foi realizada uma roda de conversa em que os participantes se dividiram em 4 grupos com 3 pessoas cada. O objetivo foi o de encontrar possíveis soluções para as dificuldades enfrentadas pela Associação Agroecológica Viverde. Após expor a definição de design social, os grupos se reuniram para discutir no período da manhã e apresentar suas conclusões no período da tarde.



GRUPO VIVERDE

O primeiro grupo a se apresentar foi formado por João Victor Gomes, Rafaela Tanaka e Amy Maitland. A apresentação se dividiu em 3 etapas: Análise, Dinâmica Organizacional e Resultados Esperados.

Seria feita a análise minuciosa da infraestrutura com o intuito de otimizar o uso da estrutura organizacional. Concluiu-se que o José Maria, atual responsável, é muito sobrecarregado, portanto o ideal seria dividir as funções. O caso da rede Pão de Açúcar foi citado como exemplo, se questionando se um sistema de fiscalização interna teria evitado a quebra de contrato.

Sugeriram ter facilitadores para disseminar os projetos e como possíveis clientes citaram a universidade, a Hub Bamboo, a Associação Nipo, clientes diretos e os mercados pet. Um gestor de projetos seria importante para propor cálculos de custo e gerenciar o projeto como um todo (parceria, transparência e prestação de contas), que conheça a produção e seus limites, atuando juntamente com o responsável.

Segundo o grupo, os problemas a serem solucionados são: o aprimoramento do acabamento dos produtos; a atualização constante das mídias,



DE

mantendo a divulgação maciça dos produtos; a reorganização estrutural da associação tanto funcional, com a contratação de um profissional capaz de criar uma narrativa e uma imagem positiva da associação, quanto produtiva, com intuito de otimizar a produção. Além dos produtos principais como os talheres, foram sugeridos projetos paralelos como a produção de mudas, carvão, adubo e pellets (para pets).

Os resultados esperados são a ampliação da receita, para que possa ser dividida de maneira a cobrir todas as despesas fixas e variáveis, e que possa ainda disponibilizar dinheiro suficiente para investimentos de melhoria estrutural, como a aquisição de maquinário e, conseqüentemente, a ampliação da infraestrutura do galpão, que é utilizado como oficina de produção, am-



pliando assim de maneira efetiva os estoques, resultando em um sistema de melhorias escalonado. O professor Pereira avaliou que o plantio de bambu deve ser feito de modo a conseguir sempre suprir a necessidade de matéria prima.

Ao ser questionado sobre o perfil do gestor a ser contratado, o grupo respondeu que o cargo de gestor deve ser fixo e ser ocupado por alguém da comunidade, e que a vaga seria anunciada por meio do Facebook.

Foi questionado também se já haveria um pontapé inicial no levantamento de dados administrativos, como por exemplo o estudo da contabilidade, para colocar em prática os planos de gestão. O grupo respondeu que sim, que estaria sendo feito há poucos meses. E por fim, foi perguntado como fazer com que o José Maria aceite a presença de um gestor externo, ao que o grupo disse que mostraria a ele na prática como funcionaria a parceria, e quais os benefícios traria.





O grupo formado por Mateus Gambaro Ramos, Eduardo Miguel e Cibele Mion dividiu a apresentação em 5 etapas: Reconhecimento, Planejamento, Infraestrutura de Formação, Engajamento e Infraestrutura Comercial.

A etapa do Reconhecimento seria necessária para conhecer melhor o assentamento, identificar suas atividades e seu cotidiano, e realizar troca de informações com a Associação Agroecológica Viverde, para ter noção sobre a atual situação do local e possibilitar assim o foco no desenvolvimento de projetos menores.

Para o Planejamento, pensou-se em fechar parcerias viáveis para a gestão de marketing e a gestão de recursos, além de ampliar o rol de clientes para produtos menores inicialmente.

A Infraestrutura de Formação seria feita no próprio galpão, com a construção de banheiro, área de alimentação de maneira que torne a recepção mais confortável e agradável, possibilitando visitas de público externo. Cursos de capacitação também seriam uma alternativa viável.

O Engajamento proporia mobilizar a população local, transformar



GRUPO HORTO DE AIMORÉS E CULTURA DO BAMBU



o Grupo Viverde num ponto de encontro para a comunidade para o plantio, para realização de cursos. Além da disponibilização de áreas comuns como parquinho de bambu.

A Infraestrutura Comercial teria uma área de estoque híbrido, armazenando tanto a matéria prima quanto o produto final, ampliar o plantio de bambu para que não falte matéria prima, já que o assentamento possui espaços disponíveis para isso. Por fim, teria um tanque de tratamento para que possa facilitar e agilizar a produção.

Foram feitas observações de que o problema dos assentamentos é a geração de renda e a centralização. O Senai e a Cati podem ser possíveis parceiros. A captação de recursos públicos para produção de bambu é ainda difícil, pois a norma de produção de bambu ainda está sendo escrita.

Quanto a proposta de reforma do galpão, o bambu não precisa ser necessariamente o protagonista final do projeto.

GRUPO PROPOSTA PARA VIVERDE



Apresentado por Laura Camargo Ribeiro da Silva, Murilo Furlan Mellio e Hayato Fuji, foi dividido em 4 etapas: Gestão, Ponto de Venda (PDV)/Marketing, Produto e Evento/Ação Social.

A gestão seria a integração de pessoas da comunidade e o público externo, e a formalização da Viverde como uma ONG seria a primeira etapa. Depois de concluída essa parte, seria feita a divisão de tarefas, organizando as metas, cronogramas e organogramas. E, em seguida, criaria-se um sistema de controle, que fiscalizaria o

comprometimento ao cumprimento de metas, com o planejamento de ações de curto, médio e longo prazo.

Para o PDV (Ponto de Venda) / Marketing foi proposto um omni-channel, com lojas físicas em locais como o Sesc, feiras de artesanato, lojas colaborativas e virtuais com site próprio e redes sociais. Também foi sugerido ter vendedoras autônomas, no modelo Yakult Ladies, com carrinho feito de bambu e vendendo brotos de bambu para alimentação.

Em relação aos produtos, sugeriu-se um

estudo de mercado para verificar o que já existe e entender as demandas dos clientes, otimizando-os, e também um estudo dentro da comunidade para descobrir outras possibilidades de produtos/serviços. Assim, não se restringe a venda de produtos relacionados com bambu, mas também outras alternativas, podendo vender por exemplo produtos orgânicos, sabonete, cachaça de Piracicaba, ampliando-se as opções de venda, e aumentando a cultura do bambu.

E, por fim, em ação social propõe a união da comunidade, motivando-a a participar do projeto e ter uma educação sobre sustentabilidade. Os eventos não seriam restritos ao moradores do assentamento, seria aberto para toda a cidade e região, para que mais pessoas possam conhecer mais sobre o bambu.

O diretor geral da Fundação Japão acrescentou que festivais são importantes para criar vínculos. O grupo falou que isso foi discutido e que no Brasil ainda não há um festival específico.





GRUPO VITA VIVERDE

Composto por Leonardo Inomata, Gabriel Fernandes e Anderson Fabri, o grupo dividiu a apresentação em 5 etapas: Diagnóstico local, Gestão financeira, Mapeamento de demanda, Gestão de produção, Propostas, Ações paralelas e Divulgação.

O diagnóstico local refere-se ao papel desempenhado pelo José Maria, ao Grupo Viverde e a Infraestrutura local. Também foi feito o cálculo de plantio de colmos de bambu em 1 ano. A gestão financeira é o maior e o principal problema porque não é feito um cálculo correto de custos, o que acaba gerando prejuízos.

O mapeamento de demanda deve analisar as vendas, procurar ter foco no produto. Atualmente, a Viverde se tornou uma empresa familiar porque a família do Zé que cuida de quase tudo, desde a produção até a administração. Em gestão de produção, métodos de produção escalonada seria essencial para tentar reverter a atual situação.

Foram apresentadas 3 propostas, sendo elas: empoderar a família e capacitar as pessoas próximas; manter a estrutura produtiva da Viverde, mas sendo administrada por pessoas externas, formando uma



RIDIS



relação de trabalho; e, por fim, foi questionado como seria possível contornar possível resistência do José Maria e sua família à integração com profissionais externos, para isso foi proposto o arrendamento por alguma fábrica.

Ações em paralelo poderiam ser, por exemplo, abrir editais públicos e privados, fechar parcerias não apenas com fins comerciais, mas também com instituições e escolas para divulgar as atividades da Viverde por meio de atividades culturais. Foi sugerida a parceria com a Nipo, Sesc, prefeitura e Sebrae, além de manter as já existentes sempre procurando revitaliza-las. A divulgação do bambu funcionaria como uma troca, a Viverde ao mesmo tempo que leva a cultura do bambu, também receberia a cultura de bambu.

O grupo foi questionado sobre a importância da transparência financeira, ao que respondeu que a contabilidade tem sido feita há 2 meses. A tesoureira de um outro projeto ressaltou a importância da educação, e falou um pouco mais sobre seu próprio projeto que tem foco na educação.

Por fim, a pesquisadora Eiko Susaki comparou o caso do assentamento com os alunos que têm lido cada vez menos. Segundo ela, antes de mais nada, é necessário saber o que os membros da comunidade pensam. Por isso, ressaltou que as discussões em torno do assentamento devem necessariamente contar com a presença de seus membros, pois são eles que conhecem melhor o cotidiano do local.

Citou um caso no México em que as mulheres produziam blusas inicialmente por 50 reais e teve uma valorização chegando a 300 reais. A educação foi essencial nessa união e foi uma coisa que partiu de dentro para fora da associação. A população deve ter motivação, sendo necessário o diálogo e ouvir o que eles realmente querem.

Responderam concordando que deve se ouvir mais a comunidade e se conhecer melhor o cotidiano dos moradores. Foi citada uma ação bem sucedida do Projeto Taquara, o Cine Taquara, em que projetaram um filme no assentamento, evento que contou com a participação de muitas famílias.





Para finalizar, os responsáveis do Sesc, Nipo Bauru e o professor Marco Pereira fizeram um discurso de agradecimento pela oportunidade de fazer parte desse evento. Foram distribuídos certificados para os palestrantes e participantes da mesa e por fim, teve sessão de fotos com todos os presentes.





EXTRAS

Nesse dia, foi servido matchá (chá verde) preparado pelo diretor geral da Fundação Japão em São Paulo, Masaru Susaki, utilizando instrumentos e metodologia da tradicional Cerimônia do Chá Japonesa.



A participação do público com perguntas e sugestões resultou no enriquecimento das propostas apresentadas pelos grupos.





WORKSHOP
**“TAKEAKARI,”
LANTERNAS
DE BAMBU**

*Dia 17, 18 e 19 de fevereiro de 2020
UNESP - Câmpus Bauru*

Nos dias 17, 18 e 19 de fevereiro foi realizado o workshop de Festival de Lanternas de Bambu. O workshop foi realizado na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, no campus de Bauru.

Como forma de aprender na prática as novas técnicas do manuseio de bambu, foi convidado do Japão o diretor de “takeakari” e representante da empresa CHI-KAKEN, Kenshi Mishiro, para ministrar a palestra durante os 3 dias de workshop, com o auxílio do convidado especial Hiroyuki Hashiguchi, pesquisador da cultura de bambu e escritor. No total foram colhidos e tratados pelos voluntários 100 colmos de bambus doados pelo Projeto Bambu/Unesp – Bauru.

Participaram aproximadamente 30 pessoas da comunidade, mais os voluntários que auxiliaram no workshop. Os participantes foram divididos em várias áreas da produção para que, ao final da atividade, fosse possível expor o produto final no bosque em frente à biblioteca do campus.









A abertura da exposição do Festival de Lanternas de Bambu foi iniciada com a apresentação de sanshin do Grupo Sanshin Bauru. Em seguida, houve o discurso do professor Marco Pereira, do diretor adjunto da Fundação Japão em São Paulo, Yuki Yama, e pelos convidados do Japão Kenshi Mishiro e Hiroyuki Hashiguchi. O evento foi encerrado com a apresentação de taiko do grupo Muguenkyo Bauru Wadaiko, com iluminação das lanternas de bambus produzidas no workshop. Contou com a participação do público com aproximadamente 200 pessoas.







PALESTRA

DIVERSIDADE DA UTILIZAÇÃO DE BAMBU

Dia 15 de Fevereiro de 2020

SESC - Unidade Bauru

Dia 18 de fevereiro de 2020

SESC - Unidade Bauru

No dia 18 de fevereiro, o Hiroyuki Hashiguchi, pesquisador da cultura do bambu e escritor, ministrou uma palestra como um complemento teórico do projeto.



Foto: FJSP

Hiroyuki Hashiguchi abordou o tema da multiplicidade de possibilidades de utilização do bambu e também sobre os projetos desenvolvidos no Japão, Indonésia e na China.

O bambu está presente no mundo todo, apoiando a vida das pessoas desde os tempos antigos., Caracteriza-se por ser reto, oco e leve, e a colheita ser simples, podendo ser utilizado para alimentação também. Pode ser dividido verticalmente e suas fibras são bastante resistentes, além de ter capacidade de crescimento de até um metro por dia.

Como referência, foi citado o artesão Sr. Kazuo Hiroshima (1915-2013), que, ao longo da sua vida, criou diversos utensílios de bambu de uso diário e muito duradouros. Apesar do design atraente, o senhor Kazuo sempre focou em como esse objeto deve ser utilizado, pois costumava dizer: “O cesto que eu faço, não é algo para ser apenas visto, mas algo para ser usado”.

A incrível capacidade de crescimento do bambu que se estende ao céu, com uma estrutura oca e propriedades antibacterianas, levou-o a ser considerado como um elemento sagrado,

conectando o céu e a terra, um ser representante dos Deuses.

O matemático e artista de bambu japonês Akio Hizume costuma dizer que “quando tiver dúvidas sobre o que fazer, primeiro, duvide se não dá para ser feito com bambu”, tal é sua flexibilidade de usos. Apenas cortando e amarrando com cordas os bambus, podem ser feitos vários artesanatos e instrumentos, e até brincadeiras simples, como o “nagashi somen”.

Os bambus podem estar presentes em diversas áreas da indústria, como a fabricação de materiais de construção, e outros que geram energias alimentadas com bambu. Além disso, há utilização do bambu na alimentação como o consumo de brotos de bambu, como utensílios, como carvão e cinzas. Dentre outras utilidades, há também a utilização como sabão e detergente, mostrando que ainda são amplamen-

te utilizados, apoiando o nosso dia-a-dia

Por fim, o Hiroyuki concluiu a palestra citando que o uso eficaz do bambu salvará o mundo, pois é um material democrático, que surgiu para uso dos seres humanos.



Foto: FJSP



HIROYUKI HASHIGUCHI

PESQUISADOR DA CULTURA DE BAMBU, ESCRITOR

Nasceu na cidade de Kagoshima em 1982, e é formado em Design no Musashino Art University. Seu primeiro contato com bambu foi no projeto “EDS Bamboo Design Project”, realizado em conjunto com o Bandung Institute of Technology (ITB), na Indonésia. Desde então, iniciou pesquisas/produções desde o sudeste da Ásia até o Japão. Em 2013, mudou-se para Kagoshima, como freelancer. A partir de 2016, coopera na produção de “Take Akari” (Festival de Lanternas de Bambu) com o “CHIKAKEN” de Kumamoto, ajudando em eventos nacionais e cerimônias memoriais. Em 2017, foi co-curador da exposição “Bambu – História de um Japão”, realizada na JAPAN HOUSE em São Paulo.



DEPOIMENTO DOS NOVOS FACILITADORES



HAYATO FUJII

GERENTE DE PROJETO DO BRASIL DA KENGO
KUMA & ASSOCIATES

Nasceu em 1978, na província de Hyogo. Passou um tempo de sua vida no Rio de Janeiro, e formou-se na escola de japoneses, Associação Civil de Divulgação Cultural e Educacional Japonesa do Rio de Janeiro. Graduou-se no curso de Arquitetura, na Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Waseda (Tóquio), com projeto de reformar favelas do Rio de Janeiro. Posteriormente, se especializou na área de arquitetura e design japonês, e com 30 anos de idade se radicou definitivamente no Brasil.

Participou na inauguração da JAPAN HOUSE São Paulo, enquanto estava trabalhando numa empresa de construção, sendo convidado pelo arquiteto Kuma Kengo para desenvolver novos projetos. Atualmente, atua como gerente de projeto da Kengo Kuma & Associates e é responsável por projetos no Brasil. Em 2018, foi considerado o primeiro arquiteto japonês certificado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) do Brasil.

A sua maior proposta de vida é promover o intercâmbio cultural entre o Brasil e o Japão, não apenas na área de arquitetura, mas também nas diversas áreas do design.

DEPOIMENTO

Foram os três dias mais emocionantes que nunca vivenciei até agora.

Esse projeto foi um desafio completamente novo e inovador, pois nunca ouvi falar de uma tentativa de reunir pessoas de várias áreas como professores universitários, empreendedores que fazem negócios com produtos de bambu, especialistas em bambu, advogado, arquitetos, coordenadores de alimentos, designers, curadores, estudantes e outras pessoas de diversas áreas, para pensar e discutir para criar soluções para comunidade a partir de um único material chamado bambu. Além disso, ao convidar os especialistas em bambu do Japão, o CHIKAKEN e o senhor Hashiguchi, possibilitou uma diversidade maior de discussões e soluções pela inclusão de uma perspectiva diferente de cultura e costumes diferentes, não limitados ao Brasil.

Inicialmente, achei que seria difícil chegar numa conclusão com envolvimento de pessoas com especialização em áreas distintas e com opiniões diferentes. Porém, focando se apenas na revitalização de uma comunidade, e separando os grupos para cada grupo apresentar uma ideia no final, facilitou que cada grupo focasse nas

discussões. Como resultado, cada grupo apresentou soluções de características e perspectivas diferenciadas.

Porém, pelo tempo limitado, a apresentação foi apenas do resultado do brainstorm e o conteúdo em si não ficou muito concreto. Acredito que as próximas etapas seria desenvolver melhor o conteúdo do projeto, analisar e alinhar com os membros do Assentamento, para ouvir as opiniões deles também.

Realmente, para esse primeiro passo, a maior resultado foi a oportunidade de encontrar, discutir e trocar informações com “amigos” de diversas áreas. Acredito que a chave para o sucesso, seria dar a continuidade ao projeto, porém fazer com que todos os participantes da Roda de Conversa continuarem será uma tarefa muito difícil. Acredito que, primeiramente, devemos formar um grupo formados por integrantes com consciência alta e bem capacitados, que seriam os pilares para elaborar planos de ações.

Para finalizar, gostaria de agradecer imensamente à Fundação Japão em São Paulo pelo convite e por esse projeto. Muito obrigado por me dar essa maravilhosa oportunidade.



LEONARDO INOMATA

ADVOGADO / DIRETOR DA JCI BRASIL-JAPÃO)

Leonardo Inomata, 30 anos, Advogado. Bacharel em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, formado em 2011. Especialista em Propriedade Intelectual pela Fundação Getúlio Vargas, formado em 2015.

Atuou em conceituados escritórios de advocacia na proteção administrativa e judicial de marcas, patentes e direitos autorais e na repressão de usos indevidos e pirataria. Em 2019 inaugurou o escritório próprio Inomata & Uehara Advogados no qual é sócio.

É diretor da JCI Brasil-Japão desde 2018 e coordenou o V FÓRUM DE LÍDERES DE LINS que ocorreu em 03.08.2019 no Blue Tree Park Lins e contou com ilustres palestrantes, dentre eles o Cônsul Geral do Japão em São Paulo Yasushi Noguchi e a empresária Luiza Helena Trajano.

Em 2020 estará responsável pela recepção de novos membros na JCI e compõe a comissão organizadora do 24º Sakura Matsuri, evento do Bunkyo que ocorrerá em São Roque.

Entusiasta da cultura japonesa, ultimamente está viciado em podcasts sobre notícias, curiosidades e geopolítica internacional.

DEPOIMENTO

A minha percepção quanto ao projeto “FORMAÇÃO DE NOVOS FACILITADORES PARA O INTERCÂMBIO JAPÃO-BRASIL” é muito positiva. Fiquei entusiasmado com o formato da discussão e ao conhecer tantas pessoas com ideias e reflexões diversas em um ambiente com profissionais e estudantes de diferentes áreas de atuação.

O projeto se passou em algumas etapas: (i) promoveu um entendimento quanto ao problema a ser resolvido com o comparecimento à Associação Agroecológica Viverde e ao campus da UNESP. Em seguida, (ii) foi apresentado conhecimento técnico quanto a usos e aplicações do bambu por meio de palestras de profissionais com competências diversas. Por último, (iii) as 12 lideranças convidadas tinham a difícil missão de sugerir uma solução ao problema inicialmente apresentado.

Um ponto bastante interessante e que eu considero de muito valor é a pluralidade de áreas e conhecimentos de cada uma das lideranças convidadas. Muito embora estivéssemos cientes de que provavelmente não resolveríamos definitivamente o problema apresentado, uma vez que a maioria das lideranças obteve um conhecimento

momentâneo das condições da associação, todos os quatro grupos se empenharam muito em traçar uma estratégia e apresentar uma possível saída. Talvez uma ideia apenas não seja aplicável, mas todas em conjunto aliadas a outros estudos certamente podem transformar a região de atuação da associação.

À medida do possível pretendo continuar a participar como facilitador e, se possível, envolver mais a JCI BRASIL-JAPÃO nessa e em outras iniciativas.

Em relação a Bauri em específico, gostaria de manter contato com a Fundação Japão e, principalmente, com o grupo que foi formado para que possamos continuar a iniciativa e encontrar uma solução de impacto efetiva para a associação e para o assentamento.

Quanto a sugestão para próximas edições, acredito que precisamos buscar entender o problema também a partir da visão das pessoas que queremos impactar. Entendo que essa é uma etapa bastante importante para que possamos buscar uma solução que seja adequada.

Pessoalmente, o que fica dessa iniciativa são principalmente as conexões formadas! Muito obrigado, Fundação Japão!



MURILO FURLAN MELLIO

MESTRANDO EM LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA
JAPONESA - USP

DEPOIMENTO

FORMAÇÃO

2019/Atual - Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa – Universidade de São Paulo
2015 - Curso de extensão à distância: “Preparação e revisão: o trabalho com o texto” – Universidade do Livro/Unesp
2010 - Formação “CELTA Course” – Formação para Professores de Inglês – UP Language - Consultants São Paulo/Universidade de Cambridge
2004/2008 - Curso de Jornalismo – Universidade Federal de Santa Catarina

EXPERIÊNCIA

2020/Atual - Instituto Dō
- Cofundador. Professor de práticas meditativas e workshops de literatura.
2018/2019 - TOPSER Consultoria
- Assessoria de comunicação.
2016/2018 - Templo de Antaiji - 安泰時, Hyogo-ken, Japão
- Treinamento monástico na linha do budismo Sōtō-shū.
2013/2016 - Ministério da Cultura, Brasília
- Servidor público: analista de prestação de contas da Lei Rouanet e de Direitos Autorais.
• Tradutor, São Paulo

A participação no projeto foi uma boa ocasião para adquirir um conhecimento diversificado (por exemplo, nas áreas ecológica ou sustentável, econômica, social e cultural) sobre uma matéria-prima com tanto potencial como o bambu, ao mesmo tempo em que tomei conhecimento pela primeira vez sobre alguns elementos do design social e suas possibilidades.

Um dos destaques do projeto foram as palestras: todos os palestrantes demonstraram conhecimento bastante aprofundado sobre o bambu, cada um com seu olhar ou especialidade específica. Ficou claro que, através das palestras, os participantes conseguiram ter uma visão geral bastante rica, ainda que introdutória, sobre a cultura do bambu. Apesar de não ter participado do workshop, acredito que também foi uma ótima iniciativa que pode ter deixado frutos positivos na comunidade local.

A visita técnica também foi bastante interessante, apesar de que, por falta de tempo, acredito que foi um pouco limitada. Se um dos objetivos do projeto era fornecer ajuda à comunidade, acho que faltou uma maior interação com ela, para conhecermos melhor sua realidade.

Achei que foram bastante positivos diversos aspectos da roda de conversa. Gostei da forma como foi estruturada, com bastante interatividade, e acredito que foi uma ótima escolha ter formado os grupos com uma mistura de pessoas de fora, com pessoas de Bauru, diretamente envolvidas no projeto. Assim, houve uma rica troca de experiências entre pessoas de diferentes áreas, além de diferentes pontos de vista.

Algo que não ficou claro para mim, até agora, foi

o objetivo central do projeto. O objetivo foi formar novos facilitadores, ou revitalizar a comunidade? Ou as duas coisas? Caso o objetivo tenha sido formar novos facilitadores, acredito que foi um bom começo: aprendemos, na prática e na teoria, sobre o design social e sobre os problemas específicos da comunidade em questão. Se o objetivo foi revitalizar a comunidade, tenho minhas dúvidas em relação ao sucesso do projeto nesse ponto. Os problemas na comunidade, como vimos, são bastante complexos, envolvem muitos fatores, e existem há bastante tempo. Um final de semana pode ter sido um começo, mas não acredito que foi suficiente para trazer uma contribuição maior.

A minha sugestão para uma continuidade do projeto, portanto, é ter esses objetivos mais claros para o participante. Caso o objetivo principal for realmente ter um impacto maior na comunidade, eu sugeriria um projeto de maior duração, com diretrizes, metas e acompanhamento, e quem sabe apoio para a realização anual de um Festival de Lanternas de Bambu em Bauru, e quem sabe expandindo a realização do festival para outras cidades. Os festivais, com apoio da FJSP, também poderiam funcionar como pontos de divulgação da cultura do bambu e da cultura japonesa. Quem sabe, o começo de uma nova tradição, a exemplo do que tem acontecido no Japão.

Sobre uma segunda edição do projeto, uma possibilidade, acredito, seria dar continuidade ao projeto acima, conforme as sugestões do parágrafo anterior. Uma outra possibilidade seria fazer uma espécie de festival de cultura japonesa, com oficinas, por exemplo, de desenho de mangá, música japonesa, artes marciais e origami etc, em algum centro cultural em uma comunidade carente.



MATEUS GAMBARO RAMOS

PRESTADOR DE SERVIÇOS NO SMART CAMPUS FACENS

DEPOIMENTO

FORMAÇÃO ACADÊMICA

2019 - Engenharia Civil – FACENS – Faculdade de Engenharia de Sorocaba 2015

2019 - Bioconstrução – UniPermacultura

PRINCIPAIS PALESTRAS REALIZADAS

Maio/2019 - Café com Especialista - “A Engenharia no Âmbito Social – Como a Índia mudou a minha visão sobre a Engenharia Civil”

Abril/2019 - Tecno Facens – “A Engenharia no Âmbito Social – Como a Índia mudou a minha visão sobre a Engenharia Civil”

Abril/2018 - Global Leaders Conventry – “Bioconstruction and Permaculture”

Dezembro/2019 - Fórum Cidades Inteligentes: Tendências - Permacultura e Bioconstrução – A importância de trabalhar com a natureza

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Agosto/2019 - Atualmente - SMART CAMPUS FACENS

- Prestador de Serviço

Janeiro - Julho/2019 - SMART CAMPUS FACENS

- Monitor Técnico

Fevereiro - Junho/2018 - SMART CAMPUS FACENS

- Estagiário Voluntário

Julho-Outubro/2018 - Karunya Institute of Technology and Sciences - Coimbatore / Índia

Desenvolver esse projeto junto a Fundação Japão e Unesp Bauru foi uma experiência que posso levar ao decorrer da minha carreira profissional e pessoal. Trabalhar com pessoas de diferentes áreas e idades, pode mostrar que a importância da interdisciplinaridade e de diferentes gerações trabalhando em conjunto na formação de ideias.

Para a melhoria do empreendimento da Viverde foram discutidas ideias para reconhecimento da localidade, planejamento e gerenciamento de negócio, geração de infraestrutura de formação com bambu, e a busca de engajamento com os agricultores das localidades vizinhas. Tantos assuntos ligados na característica de um projeto social e empreendimento ao mesmo tempo, com ricas discussões em palestras com professores e empresários puderam deixar ainda mais interessante a formulação dessas ideias.

No workshop de luminária de bambu realizado pela empresa Chikaken e Unesp Bauru ajudamos a construir

em torno de 100 luminárias para uma exposição na praça central do Campus da Unesp, onde todos os estudantes e comunidade podem contemplar esse projeto que todos ajudamos a realizar, e acredito que aqui já é meu ponto de elogio de tal projeto. Além da ótima estrutura da universidade para a realização do workshop, e o conhecimento dos facilitadores para guiar os participantes, nos envolvemos novamente em um projeto científico e social, onde todo esse trabalho pode ser contemplado por todos nós junto a comunidade.

Pretendo manter contato com todos os envolvidos na realização do evento e desenvolver em conjunto com os participantes da roda de conversa uma melhoria para o assentamento.

Agradeço a Fundação Japão por me convidar para participar desse evento, que somou não apenas no meu conhecimento, mas no meu vínculo com ótimas pessoas. Estou à disposição para novos aprendizados.

Muito obrigado!



RAFAELA YUMI TANAKA

ESTUDANTE DE ARQUITETURA E URBANISMO - USP

DEPOIMENTO

Estudante do 2o. ano de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP).

Atualmente trabalha na elaboração de um projeto de pesquisa relacionado ao impacto que Telhados Verdes exercem na arquitetura e no meio ambiente em grandes cidades.

Sobre o Projeto:

Fiquei muito interessada pelo projeto desde o momento em que tomei conhecimento de sua realização e procurei mais informações sobre o tema. Lendo sobre o Projeto Taquara, fiquei impressionada ao descobrir sobre todos os tipos de produtos que podem ser confeccionados a partir do bambu, bem como sobre o enorme número de espécies de bambu que existem. Como estudante de Arquitetura e Urbanismo, me interessei especialmente pela oportunidade de utilização do bambu como um material construtivo, por ser uma matéria prima resistente e sustentável.

Através do projeto, pude descobrir como o bambu vem sendo utilizado como um meio de obtenção de renda para a Comunidade que atualmente vive no Assentamento Horto de Aimores, o que foi uma experiência muito enriquecedora. O rápido crescimento do bambu e a participação das famílias no processo produtivo dos produtos derivados do bambu evidenciam o enorme potencial que esta espécie traz para a capacitação da Comunidade. O projeto também permitiu que fossem levantadas propostas para o aprimoramento da utilização do bambu como forma de sustento, o que, em minha opinião, pode ser de grande valor para o desenvolvimento da Comunidade.

Além disso, por meio do Projeto tive a possibilidade de conhecer um pouco mais sobre a cultura do bambu, muito presente na Ásia, em países como Japão e China, mas pouco difundida no Brasil, o que é chocante ao levar em consideração a quantidade de espécies aqui presentes. O bambu é, infelizmente, um material muito subestimado no país, e fico feliz de começar a vê-lo de maneira diferente, levando agora em conta todo o seu potencial e versatilidade, após todos os conhecimentos adquiridos durante as visitas técnicas à plantação de bambu da Unesp e ao Assentamento, bem como as discussões e palestras

realizadas durante a Roda de Conversa.

Sobre a Roda de Conversa:

A possibilidade de escutar e debater sobre a importância do bambu em diversas áreas, como Cultura, Arquitetura, Gastronomia e Arte, foi muito enriquecedora. Em especial, participar da Roda de Conversa com pessoas de diversos locais e experiências de vida distintas fez com que a conversa se tornasse ainda mais interessante e dinâmica.

Pude ver o quanto inúmeras pessoas contribuíram para a discussão com seus diferentes pensamentos e perspectivas, e o quanto isso favoreceu a formulação de ideias e propostas para a utilização do bambu na revitalização da comunidade do Assentamento.

Nunca havia imaginado a versatilidade em um material tão facilmente encontrado no país.

Todas as palestras despertaram em mim um enorme interesse na versatilidade da utilização do bambu. Isto, combinado com as discussões que se seguiram durante as rodas de conversa me levaram a me interessar ainda mais por este material, de modo que pretendo continuar a estudar sobre esta matéria prima durante a minha formação.

Sobre o Workshop de lanternas de bambu:

Fiquei extremamente grata pela oportunidade de trabalhar com o bambu para a criação das lanternas, principalmente após as discussões da Roda de Conversa. Foram três dias de muito trabalho, nos quais eu e todos os outros voluntários que ajudaram na realização do festival aprendemos muito, tanto sobre o bambu em si como sobre trabalho em equipe.

Foi incrível poder manusear e experimentar em primeira mão todas as etapas de produção da lanterna de bambu, bem como aprender na prática suas

formas de utilização. Ver o resultado final de todo o nosso trabalho durante a abertura do festival foi extremamente gratificante.

Futuros Planos como Facilitadores:

Após a realização do Projeto, me sinto motivada a estudar mais sobre o bambu e sua enorme versatilidade, principalmente no que se refere a construção civil. Com certeza irei incorporar ao máximo os conhecimentos que obtive através de minha participação nas Rodas de Conversa e no Workshop nos projetos que realizar durante a minha formação em Arquitetura e Urbanismo. Também pretendo assim aprender mais sobre design social, construção e sustentabilidade, assuntos os quais, infelizmente, não são abordados com muita frequência em minha faculdade.

Segunda edição do projeto:

Para uma segunda edição do projeto, entendo que seria interessante levar as informações sobre a versatilidade do bambu e sobre sua utilização para fins de obtenção de renda em comunidades para um público ainda maior, por meio de palestras e exposições em Universidades e Centros Culturais, por exemplo.

Além disso, entendo que devam existir inúmeras restrições de cronograma, principalmente considerando os palestrantes estrangeiros, mas acredito que o projeto se beneficiaria de disponibilizar um período de tempo maior para as apresentações de cada palestrante, bem como para as visitas técnicas, uma vez que isto permitiria que as discussões fossem ainda mais aprofundadas.

Agradeço novamente a Fundação Japão pela oportunidade de participar de um projeto tão incrível.



GABRIEL FERNANDES DOS SANTOS

DOUTORANDO EM DESIGN NA LINHA DE PESQUISA
PLANEJAMENTO DE PRODUTO - UNESP

DEPOIMENTO

FORMAÇÃO

- Graduado em Design de Produto (UNESP-FAAC, campus de Bauru); . Mestre em Design na linha de pesquisa Planejamento de Produto (UNESP-FAAC-PPG Design, campus de Bauru);
- Doutorando em Design na linha de pesquisa Planejamento de Produto (UNESP-FAAC-PPG Design, campus de Bauru).

HABILIDADES

- Bambuzeiro - dedicado a cadeia produtiva da Tecnologia Social do Bambu, abrangendo do cultivo do bambu até a proposição de soluções que tanto utilizem essa planta como principal matéria prima e como façam frente as problemáticas de dimensões social, ambiental e econômica;
- Articular e Gestar ações participativas – em cursos educacionais sobre a cultura do bambu e em empreendimentos sociais como designer de produto parceiro de organizações dedicadas a geração de renda a partir da Tecnologia Social do Bambu.

O evento organizado pela Fundação Japão na cidade de Bauru, e promovido em parceria com a UNESP e o SESC, ambas instituições sediadas na cidade supracitada, teve, na minha opinião, um formato deveras interessante. A estruturação abordada para este evento reuniu diversas pessoas, dentre elas especialistas sobre a cultura do bambu, jovens ligados a instituições e/ou empreendimentos que atuam com populações vulneráveis, e cidadãos locais de Bauru e região. Deste corpo coletivo, os jovens foram o foco do trabalho realizado nos dois dias, o que de fato, levou-nos, pois eu fui um destes, a assumirmos responsabilidades sociais naquilo em que atuamos. Seja como estudantes de graduação ou pós-graduação, cidadãos participantes de instituições públicas ou privadas, e profissionais que trabalham na geração de resultados menos insustentáveis na sociedade.

Tendo os jovens como foco, é válido ressaltar que para a Associação Agroecológica Viverde fora adotada o papel de comportar-se como objeto de análise, como em um estudo de caso. A Viverde é um grupo de artesãos que trabalham na cadeia produtiva do bambu, composta essencialmente por moradores do assentamento rural Horto de Aimorés (agricultura familiar), localizado nas cidades de Bauru e Pedernheiras, no interior do estado de São Paulo. A formação deste empreendimento social iniciou-se por meio da extensão universitária realizada pela UNESP/Bauru, primeiramente com a INCOP – Incubadora de Cooperativas Populares (meados de 2006-2008),

e depois com o Projeto Bambu da Faculdade de Engenharia (2008 – 2018). Desses anos de parceria com o Projeto Bambu, os agricultores foram capacitados na cadeia produtiva do bambu e alcançaram a implantação de um bambuzal dentro do assentamento e a construção de um galpão, abrigando a infraestrutura para trabalhar localmente na produção de objetos artesanais, mobiliários e construções. E a partir dessas produções de produtos, serviços e infraestruturas, os artesãos puderam gerar renda, acrescentando-lhes uma alternativa à agricultura de subsistência, uma forma de permiti-los estarem no campo.

Mesmo consolidando a cadeia produtiva do bambu junto ao assentamento, a Viverde não conseguiu lograr o aproveitamento de seu potencial econômico, o que lhe traria a possível expansão local. Desse modo, o evento realizado fez-se debruçado neste caso de empreendimento social, mas voltando-se para os jovens convidados, objetivando suas formações como novos facilitadores. Assim, os jovens foram incumbidos de absorver e implementar em suas ações todo o conteúdo exposto e discutido. Para isto, o cronograma organizado fez-se fundamental, iniciando no 1º dia com uma visita ao Projeto Bambu, seguido pela sede da Viverde no assentamento e finalizando no SESC com palestras ministradas pelos especialistas sobre a cultura do bambu. No 2º dia os jovens mapearam os ocorridos no dia anterior e organizaram as problemáticas relacionadas a Viverde, fazendo ao final considera-

ções a possíveis soluções. Nesse sentido, os presentes no evento puderam tomar contato com a cadeia produtiva do bambu, reconhecer o empreendimento social local, expandir as fronteiras sobre a cultura do bambu e gerar proposições sobre caminhos para a manutenção da Viverde e implantação dos conhecimentos gerados noutros tantos empreendimentos sociais existentes.

A cerca de todo o ocorrido, eu considero muito promissor o formato adotado para estes dois dias de evento, permitindo a interação entre as partes envolvidas. Porém, aponto para a ausência de membros da Viverde, empreendimento analisado, durante todo o roteiro projetado. Acredito que esse distanciamento ajudou, em partes, a ver o problema da associação de forma isolada, sem interferência interna da instituição. Mas este isolamento também acaba por segregar o real contexto em que vivem os moradores do assentamento, aqueles que são artesãos associados a Viverde. O que resulta na indagação: quais as melhores decisões sobre o rumo de um empreendimento social, são as adequações exigidas pelo viés econômico que rege o mercado ou os anseios das pessoas que compõem a instituição de cunho social? Eu arrisco dizer que seja uma dose de um e do outro, preponderando a voz dos sujeitos envolvidos. Para entendermos esta questão, devemos futuramente dar ao objeto analisado o papel de ator ativo sobre a sua própria realidade e continuidade, permitindo-o a responsabilidade com seus deveres, sem retirar o direito de escolher.



EDUARDO MIGUEL

ENGENHEIRO PROJETISTA

FORMAÇÃO

- Graduado em Engenharia Civil (UNESP-FEB, campus de Bauru);
- Mestrando em Engenharia Civil e Ambiental na linha de pesquisa Saneamento Ambiental (UNESP-FEB, programa de pós graduação interunidades);
- Bolsista de Extensão pela PROEX na extensão universitária “Desenvolvimento de produtos artesanais e em bambu laminado colado e a transferência desse conhecimento para a comunidade do Assentamento Horto de Aimorés”;
- Integrante voluntário na extensão universitária “Projeto Taquara”.

HABILIDADES

- Elaboração, planejamento e controle de projetos, execução de obras, negociação com fornecedores, relacionamento com clientes e contratação de mão de obra.
- Desenvolvimento de ferramentas computacionais gerenciais próprias para melhoria de processos.
- Experiência em marcenaria, obras, oficinas e cursos sobretudo com a utilização do Bambu.

DEPOIMENTO

Primeiramente obrigado pelo convite e pela experiência que vocês proporcionaram,

Adorei a chance de participar deste projeto, e me senti muito honrado de ser convidado para a primeira vez com esse tipo de projeto

Acredito que este sentimento seja compartilhado entre todos os participantes...

Quanto ao conhecimento agregado;

Foi uma experiência muito edificante para mim, e uma oportunidade de conhecer pessoas realmente interessantes e inspiradoras dentro da cultura do bambu, tanto no Brasil quanto no Japão. O fato dos convidados e dos palestrantes serem das mais diversas áreas contribuiu em muito para esse sentimento, acredito que este foi um

grande acerto do projeto.

Eu particularmente não tinha tanto contato com o conceito do design social, para mim foi o maior aprendizado, pessoas que tiveram tão pouco contato com a comunidade conseguiram propor projetos com verdadeiro potencial de impacto.

Acho que a parceria com o SESC também foi um acerto, a infraestrutura e o espaço cedido fez toda a diferença.

Os projetos propostos realmente têm o potencial de impactar a comunidade abordada caso seja dado continuidade,

Eu permaneço em Bauru, e como associado a Viverde continuo atuando na prospecção de serviços na área de construção para trabalhar junto à Associação.



JOÃO VICTOR GOMES DOS SANTOS

DESIGNER/DOCTORANDO EM ERGONOMIA PPGD UNESP

FORMAÇÃO

- Ensino Fundamental e Médio em Unicolégio Araçatuba.
- Bacharelado em Design de Produto FAAC Unesp – Bauru.
- Mestrado em Projeto de Produto PPGD Unesp – Bauru.
- Doutorando em Ergonomia PPGD Unesp – Bauru.
- Nível 1 em Project Management for Development Professionals (PMD Pro – APMG International).

ATUAÇÃO NO PROJETO BAMBU

Em 2015 entrei em contato com o professor Marco Pereira, responsável pelo projeto, com interesse de aplicar o bambu no meu projeto de conclusão de curso (prótese tanstibial). Prontamente atendido, passei a desenvolver os protótipos com auxílio dos pesquisadores que atuavam no projeto (Gabriel, Flávio, Rodrigo, etc). Desde então passei a me envolver direta e indiretamente com o projeto que engloba o Projeto de Extensão Taquara e a Associação Agroecológica Viverde atuando como designer de produtos e pesquisador de novos materiais com aplicação de Bambu e Resina de Mamona bem como exercendo atividades de gestão, administração e monitoria.

DEPOIMENTO

Como professor do curso de Design da Unesp de Bauru, nos sentimos privilegiados em hospedar um evento desta dimensão que foi, sem dúvida, uma experiência extraordinária. Não somente no âmbito cultural mas também na área técnica relacionada ao processamento do bambu e produção de lanternas. Além de difundir a cultura japonesa em relação ao bambu como fonte de renda, lazer e ornamentação, o evento proporcionou a qualificação da mão-de-obra de facilitadores das comunidades de baixa renda bem como dos pesquisadores e profissionais envolvidos na cadeia produtiva do Bambu. Estas iniciativas contribuem não somente para o desenvolvimento da sociedade local, mas também para a economia e para o meio ambiente.

O formato do evento e como ele foi conduzido permitiu que todos os

participantes tivessem uma plena perspectiva das etapas projetuais e executivas do Workshop. Este método contribuiu não somente para a organização do evento, que foi impecável, mas também para o desenvolvimento da concepção de projeto que muitos participantes ainda não haviam experienciado.

O trabalho em equipe, sempre muito estimulado durante todo o festival, também foi um fator de destaque. Além da troca de informação, networking e otimização das atividades propostas, essa constante interação entre participantes, profissionais e equipes propiciou um ambiente de trabalho extremamente agradável e estimulante, além das inesquecíveis amizades construídas durante o evento. O contato direto com os criadores do evento, japoneses naturais, e seus métodos de tra-

balho foi igualmente louvável, tanto no âmbito técnico quanto no cultural.

As experiências metodológicas, didáticas e técnicas adquiridas durante a Oficina e a Roda de Discussão foram fundamentais para a reestruturação e renovação dos projetos acadêmicos e voluntários atualmente desenvolvidos com aplicação de Bambu como objeto de pesquisa na Universidade e como fonte de renda na comunidade. Outros eventos baseados neste Festival das Lanternas estão programados para serem realizados em parcerias com outras instituições, como o SESC por exemplo, para dar continuidade na propagação da cultura do Bambu como material verdadeiramente Sustentável.

Em suma, um evento memorável e exemplar, não somente na essência como também na condução.



LAURA CAMARGO RIBEIRO DA SILVA

DESIGNER/FOTÓGRAFA

FORMAÇÃO

- Ensino Superior Completo em Design na UNESP – Bauru

HABILIDADES

- Fotógrafa

ATUAÇÃO NO PROJETO DE EXTENSÃO TAQUARA

Assim que entrei na universidade fui apresentada aos projetos de extensão e me interessei muito pelo Taquara, fiz o processo seletivo e entrei no final de 2015. Participei ativamente até o final de 2017, sendo bolsista de extensão por um ano.

Como já tinha conhecimentos sobre fotografia, durante todo o período no projeto atuei registrando todas as atividades e experimentando fazer vídeos além das fotos para movimentar as redes sociais.

Dentro do projeto, realizávamos diversas atividades como: oficinas em escolas, atividades no Assentamento, visitas ao bambuzal e ao projeto, confecção de produtos, explorando esse material muito versátil. Ao decorrer do ano testávamos as possíveis oficinas para serem realizadas, tanto nas escolas ou projetos como em eventos da universidade, também participávamos de feirinhas em eventos da UNESP para arrecadar dinheiro para realizar mais oficinas e projetos.

DEPOIMENTO

Primeiramente, gostaria de agradecer pelo evento, foi muito interessante e motivador. Tiveram muitas trocas e todas as propostas feitas foram de grande valor, somando todas conseguimos perceber coisas em comuns solucionadas de formas diferentes.

Como fui aluna participante do Projeto Taquara, que é um dos braços do Projeto Bambu já tinha noção do que se tratava e todo trabalho feito até hoje, a palestra do professor Marco Pereira foi bem importante para situar as pessoas que não tinham essa vivência e mostrar seu grande trabalho e pesquisa na área do bambu.

As palestras do Kenshi Mishiro e da Akiko Ishizu trouxeram bastante inspiração, a primeira falou muito sobre o fazer junto algo maior, unir forças

para fazer algo que não será somente seu, uma força coletiva que é muito importante para conseguirmos ir mais longe com o assentamento que o projeto bambu trabalha há tanto tempo. E a segunda, me chamou muita atenção o takenoko, que tem grande valor na cultura japonesa, podendo trazer significados também para o assentamento e as pessoas que lá cultivam o bambu, mostrando muito a sua versatilidade.

Promover esse espaço de discussão e a união entre pessoas de outros meios por algo em comum foi extremamente gratificante e na minha visão os próximos passos seria levar a discussão para as pessoas do assentamento, incluindo e motivando para a cooperação, trazendo um impacto social positivo.



ANDERSON AUGUSTO FABRI

ESTUDANTE DO CURSO DE ARQUITURA E MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIO ANGICO DO CERRADO

FORMAÇÃO

- Ensino fundamental e médio na Viver Escola Waldorf de Bauru
- Ensino superior incompleto em Arquitetura e Urbanismo na Unesp, campus de Bauru
- Iniciação científica em tecnologia construtiva sustentável (adobes estabilizados com biopolímeros vegetais).

HABILIDADES

- Marceneiro

ATUAÇÃO NA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA ANGICO DO CERRADO:

Minha atividade na Associação começou por volta do ano de 2015, quando passei a compor o grupo nas atividades aos sábados de manhã com as crianças e reuniões semanais. Desde o primeiro contato que tive com a Angico do Cerrado, até os anos que estive atuante pude compreender a seriedade do trabalho realizado, levado com tanta vontade e fé no que o projeto pode frutificar no futuro.

Por volta de 2016 a associação recebeu um terreno de grandes dimensões para instalar uma sede e demais infraestruturas para as atividades realizadas, tendo um prazo de 10 anos para fazer uma feitoria no terreno. Com a intenção de envolver a universidade pública para o projeto da sede, o grupo procurou a mim e à uma professora do departamento de arquitetura da Unesp para montarmos um projeto de extensão para projetar o edifício da sede, iniciando-se as atividades do projeto de extensão em 2018.

Atualmente a associação planeja firmar parcerias com investidores e comunidade para executar o projeto da sede e demais propostas projetuais para o terreno, estando eu responsável, juntamente com a professora Dra. Kelly por detalhar o projeto.

DEPOIMENTO

Inicialmente gostaria de parabenizar a organização pelo projeto, a dinâmica da roda de conversa, precedida das palestras sobre o tema pareceu ter funcionado bem. Da minha parte me senti bastante imerso no tema, pois pude compreender as problemáticas levantadas e as possibilidades também, por meio das palestras e da roda de conversa trocando informações e ideias com os demais participantes.

Para o momento, pretendo desenvolver algum projeto com bambu (mobiliário ou playground) de forma a vivenciar o material e em um futuro próximo começar a produzir algo com o bambu, integrando uma possível parceria com os produtores de bambu do assentamento Horto dos Aimorés. Outra possibilidade, agora falando como representante da Associação Angico do Cerrado na roda de conversa, seria estabelecer algum tipo de parceria futura com os bambu-

zeiros do assentamento, talvez com cursos ou obras com bambu com foco em geração de renda para a comunidade. Por enquanto a associação está com foco em sua sede, mas daqui a alguns anos pode vir a ser um interesse firmar algum tipo de parceria neste sentido.

Sobre uma segunda edição, indico a continuação da estrutura da dinâmica realizada, contudo vejo que é importante abranger a participação do evento para pessoas de demais idades, não restringindo somente aos jovens, uma vez que em muitos projetos sociais não há participantes jovens. Além disso acredito ser muito importante a interação entre públicos de diferentes idades, pois, dizendo sob a visão de um jovem que ainda sou, as pessoas mais velhas tem muita experiência a compartilhar, ajudando a tornar prático o que nós jovens sonhamos e acreditamos fazer para mudar a realidade atual.



CIBELE MION

ANIMADORA CULTURAL DO SESC

DEPOIMENTO

Arquiteta e Urbanista pela Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (atual IAU-USP). Tem experiência em projetos de arquitetura, principalmente na área de patrimônio cultural e histórico, paisagismo, expografia e cenografia teatral. De 2010 a 2017 colaborou com escritórios de arquitetura e de estudos da paisagem tais como Apicás Arquitetos (2010-2012), Barbieri & Gorski Arquitetos Associados (2012) e Gomes Machado Arquitetos Associados (2012-2017). Atualmente é animadora cultural no Sesc Bauru, em que é responsável pela programação de Educação para a Sustentabilidade, linguagem em que desenvolve, entre outras ações, o mapeamento de iniciativas sustentáveis que atuam na região. Dentre as atividades formativas que integraram a programação desta linguagem, está o curso de “Design e Construção com Bambu”, realizado em parceria com alguns membros da Associação Agroecológica Viverde.

Sobre o Projeto:

Com o intuito de difundir as possibilidades de trocas de experiência entre Brasil e Japão, o projeto possibilitou, por meio de diferentes ações como workshops, palestras e vivências, a troca de conhecimento entre os dois países, respeitando-se os contextos culturais, políticos e sociais de cada um. Além de contar com palestrantes brasileiros e japoneses, os encontros, cujo tema articulador foi a cultura do bambu, possibilitaram uma imersão na proposta e convidaram os diferentes participantes a refletirem sobre sua atuação no território e como suas pesquisas e anseios poderiam colaborar para uma reflexão mais ampla sobre outras formas de se viver e atuar em sociedade.

Sobre a Roda de Conversa:

- Visita técnica Unesp -

O primeiro momento de visita técnica à área agrícola e ao Laboratório de Experimentação com Bambu da UNESP Bauru, por meio do Projeto Bambu, possibilitou o conhecimento da dimensão acadêmica e as pesquisas desenvolvidas pela universidade. Obter informações sobre o cultivo e as diferentes técnicas em bambu, as dificuldades enfrentadas pelo grupo de extensão, a importância da articulação com a comunidade e a prática de confecção das mudas ampliou os olhares para a compreensão das dinâmicas que ocorreriam no período da tarde, assim como a aproximação com o tema.

- Visita técnica Assentamento Horto Aimorés -

Conhecer a Associação Agroecológica Viverde, localizada no Assentamento Horto Aimorés, consolidada a partir de um projeto de extensão vinculado ao Laboratório de Experimentação com Bambu da Unesp Bauru (Projeto Bambu), colaborou para compreender o desdobramento de uma proposta que articulou universidade e comunidade no que se refere à pesquisa, capacitação e troca de saberes. Foi possível assim conhecer a trajetória da iniciativa e de seus membros, a estrutura do galpão (executado em mutirão e com técnicas construtivas em bambu), os produtos confeccionados, a dinâmica da

produção e as dificuldades enfrentadas.

- Palestras -

As palestras englobaram quatro eixos de discussão tendo o cAs palestras englobaram quatro eixos de discussão tendo o cultivo do bambu como norteador: Bambu e comunidade; Bambu e arquitetura; Bambu e arte; Bambu e gastronomia.

Os conteúdos abordados demonstraram as relações e aspectos pertinentes à cultura do bambu nos dois países, com destaque para “Bambu e comunidade” (realizada pelo Prof.Dr. Marco Antonio dos Reis Pereira) e “Bambu e arte” (realizada por Kenshi Mishiro, da empresa Chikaken) que demonstraram, em exemplos teóricos e práticos, como se deram as experiências e a articulação com a sociedade, seja por meio de uma iniciativa pública (grupo de extensão acadêmica), seja por meio de uma iniciativa privada, em conjunto com outros setores (escritório de arquitetura em parceria com o município).

De forma geral os palestrantes estavam alinhados em relação às percepções e compreensões do fazer e do pensar coletivo e, desta forma, considero importante compreender as situações, particularidades e potências de cada comunidade, principalmente as que estão em vulnerabilidade social. É importante identificar o território e suas especificidades, os contextos sociais, culturais e econômicos, respeitando-se assim as trajetórias e as experiências pessoais e coletivas, que são diversas. A visão de mercado é importante e regula, inevitavelmente, o modo de vida contemporâneo, porém não deve reafirmar e reproduzir mecanismos recorrentes de exploração do trabalho.

A roda contou com participantes de diferentes formações, o que contribuiu para uma maior diversidade de leituras e apropriações sobre o tema. Embora o tempo para as discussões tenha sido insuficiente para realizar uma leitura mais aprofundada sobre a comunidade, o formato foi interessante para propor linhas iniciais de abordagens possíveis. Importante observar que a compreensão de fato sobre as particularidades de

uma comunidade demandam observação, lugar de fala e principalmente escuta ativa.

Sugestões:

Para se compreender uma comunidade (suas particularidades, territorialidades e sua identidade) é essencial a presença nos debates de um ou mais representantes locais, por ela designados, que garantam um lugar de fala que respeite e que evidencie a visão do coletivo (entendendo-se aqui as dificuldades para os consensos). Isso possibilita que possíveis dúvidas que possam eventualmente ocorrer sejam elucidadas a partir de um ponto de vista inserido no contexto local e que detém informações e dados embasados.

É fato que para realizar um estudo aprofundado sobre o tema seria necessário um período muito superior ao realizado (compreende-se assim a proposta do projeto no sentido de instigar possíveis articulações de diferentes esferas sociais e que sugere, assim, um primeiro olhar mais cuidadoso sobre o tema). Uma possibilidade seria estender o cronograma e dedicar um período preliminar ao conhecimento do objeto de estudo por meio de visitas, levantamentos, conversas com a comunidade, entre outros.

O formato de apresentação de ideias foi pertinente e funcionou para a proposta pretendida. Também permitiu que os participantes pudessem se conhecer e propor, a partir da experiência de cada um, investigações por meio de olhares diversos sobre um mesmo objeto de estudo, assim como estimular ações e reflexões sobre o território a qual estão inseridos.

A organização, o envolvimento e o comprometimento da Fundação Japão, ao longo de todo o projeto, foi impecável. Além de seus representantes acompanharem todas as etapas do processo, o cronograma e organização das atividades foram muito bem articulados, assim como a proposta do projeto ao reforçar a importância dos vínculos entre os diferentes conhecimentos em uma comunidade. Agradeço imensamente pela experiência!



AMY MAITLAND

DESIGNER

FORMAÇÃO

- Bacharelado Design Unesp (2016-2020)
- Um mês de intercâmbio de língua no Japão
- Intercâmbio de um semestre na Hanyang University Erica Campus na Coreia do Sul

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL:

- Estágio 4 meses na Arca Solutions: Engenharia de Software
- Produção da identidade visual do XIII Festival Kawasuji 2018 em comemoração aos 110 Anos da Imigração Japonesa
- Estágio 10 meses na Maple Bear School (escola bilíngue)
- Estágio 6 meses na Agência Olive: Comunicação e Marketing
- Organização de ações culturais e de comunicação/mídias sociais no Clube Cultural Nipo Brasileiro de Bauru
- Freelance na Mezzani Massas Alimentícias (trabalho com embalagens)

DEPOIMENTO

Primeiramente eu gostaria de agradecer a oportunidade em ajudar na organização e ser participante desse evento! Tive muitos aprendizados e experiências enriquecedoras no decorrer do evento!

A roda de conversa foi um formato bem interessante e organizado para conduzir a discussão. Acredito que trabalhando com outros para pensar numa “solução” é muito mais enriquecedor e dinâmico do que fazer sozinho. Participar do workshop foi muito legal! Tive vários aprendizados e conheci muita gente incrível durante o workshop e ver a exposição final foi muito gratificante.

Tendo saído desse projeto como novo facilitador acho que consegui vários contatos e ideias novas que podem aju-

dar não só a Viverde mas o Clube Nipo e outras comunidades também. São aprendizados e experiências que podem ser aplicados em várias situações e que contribuíram muito para meu crescimento pessoal. Acredito que também abriu a minha cabeça para novas ideias/possibilidades. :)

Como segunda edição desse projeto, sugeriria juntar as posições dos grupos para chegar numa solução, e começar a trabalhar nisso. Até então, só pudemos trabalhar a parte de brainstorm/discussão. Seria bem legal se conseguíssemos tirar isso do papel e aplicar lá na Viverde com a ajuda de todos os participantes da roda de conversa.

Novamente, agradeço muito o convite para participar desse evento e fico a disposição para qualquer coisa!!!





RESULTADOS

- *Conversando com os membros do Projeto Bambu/UNESP que realizam atividades de capacitação das famílias da comunidade do assentamento Horto de Aimorés, percebeu-se que passam por dificuldades no andamento do processo. A UNESP fornece mais apoio do ponto de vista de técnicas do manuseio do bambu e produção de produtos, porém chegaram num ponto que precisam de algo além para progredir. Por meio desse projeto de "Formação de Novos Facilitadores para o Intercâmbio Japão-Brasil", foram sugeridas novas soluções com abordagens de diferentes áreas, como da área legislativa, da socioeconômica, e artísticas, como festivais, que juntos, poderiam ser o caminho para solucionar os problemas atuais da comunidade. O conceito do intercâmbio cultural que a Fundação Japão aplicou a esse projeto, contribuiu para um aprofundamento técnico e conhecimento sobre desenvolvimento regional, resultando em pedidos pelos membros participantes de uma possível parceria contínua entre a Fundação Japão e o Projeto Bambu/UNESP.*
- *O processo construtivo desse projeto, como atividade teórica, foi iniciado com conhecimento da realidade desse projeto social com bambu, visitando os laboratórios e o assentamento. Em seguida, foram ofertadas palestras sobre as diversas aplicações do material bambu. Baseados nisso, os novos facilitadores participantes realizaram uma roda de conversa e discussões e, como resultado, apresentaram novas ideias de soluções para os problemas enfrentados no assentamento. Foram discutidas sob pontos de vistas de profissionais e especialistas de diferentes áreas para a construção das ideias. No futuro, espera-se que os participantes consigam aplicar esses conhecimentos, rede de contatos e experiências adquiridas nesse projeto em suas atividades com comunidades locais e que os resultados sejam compartilhados com a sociedade.*
- *Como atividade prática, foi realizado workshop de takeakari (lanternas de bambus). Foi uma oficina com cerca de 30 participantes (incluindo alguns dos participantes da atividade teórica) de diversas áreas e de variadas faixas etárias. A confecção dessas lanternas de bambus para o Festival de Lanternas de Bambus, junto com os especialistas japoneses, possibilitou que os participantes vivenciassem e conhecessem uma nova cultura japonesa do takeakari, e esse trabalho em equipe resultou no fortalecimento das relações entre os participantes. Ao final do workshop, comentaram sobre a importância do conceito de "colaboração" presente na cultura japonesa.*
- *A cerimônia de abertura do Festival de Lanternas de Bambu teve a presença de mais de 200 pessoas, e pela organização do Club Nippo de Bauru, foi realizada apresentações de grupos de sanshin e taiko de Bauru sob as lanternas de bambu acesas. Assim, o Festival se tornou um meio para transmitir o conhecimento da cultura japonesa através do bambu, para a comunidade de Bauru.*
- *A palestra do sr. Hashiguchi abordou um tema amplo sobre pontos de vistas antropológicos do Japão e da cultura do bambu, explicando sobre o próprio material bambu, ecologia, artesanato tradicional e revitalização de comunidades locais.*

DIVULGAÇÃO



Cartazes impressos (A3)



Materiais para site, e-mail e SNS (Facebook, Instagram e Twitter)

MÍDIAS

● UNESP

Oficina de lanternas de bambu ilumina o câmpus de Bauru

Divulgado no dia 20/02/2020

<https://www2.unesp.br/porta###/noticia/35541/oficina-de-lanternas-de-bambu-ilumina-o-campus-de-bauru>

● SÃO PAULO - GOVERNO DO ESTADO

Unesp: Oficina de lanternas de bambu ilumina o campus de Bauru

Divulgado no dia 27/02/2020

<https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/unesp-oficina-de-lanternas-de-bambu-ilumina-o-campus-de-bauru/>

● G1 GLOBO

Bauru recebe exposição de lanternas feitas de bambu

Divulgado no dia 19/02/2020

<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/videos/v/bauru-recebe-exposicao-de-lanternas-feitas-de-bambu/8334445/>

<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/videos/t/todos-os-videos/v/bauru-recebe-exposicao-de-lanternas-de-bambu/8335480/>

DEPOIMENTO

18/05/2020

PROJETO DE INTERAÇÃO SOCIAL ENTRE A UNIVERSIDADE E A SOCIEDADE CIVIL

Há três meses, no dia 14 de fevereiro deste ano, iniciávamos o projeto em Bauru com o envolvimento de mais de 30 pessoas, em trabalho intenso de imersão e convivência durante seis dias consecutivos, no Sesc Bauru e no Campus da Unesp-Bauru. Naquele momento, ninguém poderia imaginar que a circunstância, em que um projeto que visava uma interação social entre a universidade e sociedade civil, integrando um número significativo de pessoas no mesmo espaço, seria depois envolvido por uma nova e estranha realidade mundial após, apenas 3 semanas de sua realização, quando notícias anunciavam a pandemia do COVID19 e o “distanciamento social” como medida de saúde pública e protocolo de prática de solidariedade. Com certeza, o sincronismo se encarregou de realizarmos o projeto no momento certo, diante da situação posterior.

Por essa razão, a experiência deste projeto nos sensibiliza e torna ainda mais impactante hoje por reconhecermos que a convocação para um trabalho coletivo como esse pode se tornar cada vez mais raro no futuro. E, portanto, gostaria de deixar um relato resumido, como memória do projeto Formação de Novos Facilitadores para o Intercâmbio

Japão-Brasil– Bambu: a revitalização de uma comunidade e Festival de Lanternas de Bambu.

O projeto teve como foco a cooperação e o intercâmbio cultural Brasil-Japão, através de atividades multi-disciplinares, aproveitando-se o conhecimento local da Universidade, da sociedade civil e comunidade ligada à produção com bambu para alcançar um objetivo social.

Começamos a imaginar o projeto entre os meses de agosto e outubro de 2019. Foram diversas reuniões junto a Fundação Japão em São Paulo, representantes da Unesp, da Associação Nipo Brasileira de Bauru e voluntários, para construção de uma visão integrada. E através do alinhamento das expectativas e dimensionadas as necessidades, pudemos entender as funções cooperativas de cada parte para formatarmos o projeto.

A Roda de Conversa, teve formato estruturado baseado na experiência anterior bem-sucedida da Fundação Japão no México. No caso de Bauru pude colaborar convidando participantes e sugerindo conteúdo para discussão de conceitos de design social. Ainda que o termo fosse polêmico e ambíguo nos dias atuais, incorporamos à Roda de

Conversa, como oportunidade prática dos participantes exercitarem o processo de design e ferramentas a serem aplicadas numa real comunidade. Os quatro grupos apresentaram estratégias e soluções inovadoras para os problemas identificados pela comunidade que poderão, eventualmente, contribuir para seu desenvolvimento sustentável.

Já a ideia do Festival de Lanternas de Bambu surgiu do contato com o pesquisador japonês Hiroyuki Hashiguchi que nos apresentou a dupla Chikaken de Kumamoto/Japão e o festival “Take Akari”- “bambu iluminado”- como uma das formas de promover o bambu com um novo significado ao mobilizar comunidades locais de diversos países da Ásia. Adaptamos, então, à realidade local, propondo uma ação social e contemplativa, por meio de oficinas e instalação de lanternas de bambu no bosque do Campus Unesp Bauru.

Finalmente, a experiência coletiva neste projeto, demonstra que o bambu é uma planta importante na melhoria de qualidade da vida humana. O engajamento em todos os níveis do “fazer” as lanternas, nos deu uma responsabilidade compartilhada de criar “o belo”, como forma de fomentar a relação de pertencimento em um grupo e o zelo pelo trato



do bem feito. O bambu é um elemento articulador de culturas, e seu potencial como planta e material contribui para o refinamento de nossa existência na busca de caminhos e processos cíclicos integrados à natureza.

A obra permanece no local até hoje, e existe uma expectativa de reapresentá-la no espaço do Sesc Bauru, logo que termine a pandemia.



PROFILE

Doutoranda em Design pela Faac- faculdade de arte arquitetura e comunicações UNESP Bauru, Mestre em Design pela Faac Unesp de Bauru. Bolsista pela CAPES. Graduada em licenciatura em educação artística pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa Processamento da madeira e materiais compostos , linha de pesquisa de pesquisa Processamento da madeira e bambu.

Atualmente é pesquisadora em design para o desenvolvimento social na produção com bambu. É pesquisadora em Mingei- artesanato popular japonês, recebeu a bolsa para pesquisa no Japão pela Fundação Japão. É gestora cultural, sócia fundadora e diretora de projetos orientados para comunidades na organização não governamental- Instituto Botucatu. Tem experiência na área de Educação, produção cultural e curadorias com ênfase em projetos que integram design e artesanato. Foi coordenadora de projetos culturais na A Casa- museu de artes e artefatos brasileiros - atualmente A Casa- Museu do Objeto Brasileiro (1999-2002), consultora em design no Artesanato Solidário- Artesol (2002- 2011).

VIDEOS



Bambu:
a revitalização de uma comunidade

registro: André Sanchez

edição: André Sanchez

direção: Silvia Sasaoka

<https://www.youtube.com/watch?v=3A-20J2XYgcM&>



Festival Lanternas de Bambu
Unesp Bauru e Take Akari

registro: André Sanchez

edição: André Sanchez

direção: Silvia Sasaoka

<https://www.youtube.com/watch?v=-JMwrtkWyA4&>

REALIZAÇÃO



APOIOS



Fundação Japão em São Paulo

Av. Paulista, 52 – 3º andar

Bela Vista, CEP 01310-900, São Paulo – SP

Tel.: +55 11 3141-0110 / 3141-0843

www.fjsp.org.br



@FundacaoJapaoSP



japanfoundation_sp



@fundacaojapaosp